

VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

SEMANARIO GRAFICO DE ACTUALIDADES

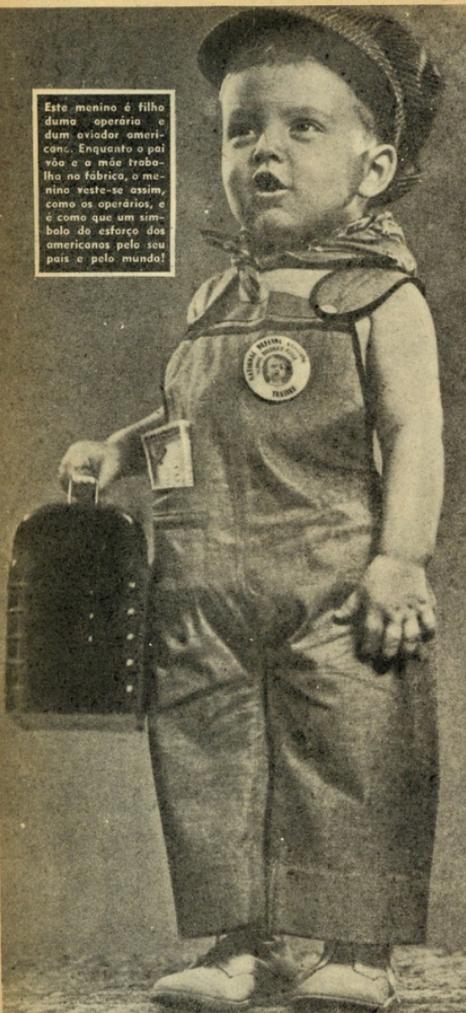
Madeleine Carroll, grande nome do Cinema americano, que a guerra afastara dos estúdios para se dedicar à protecção das crianças da Europa, vai encarnar a figura do protagonista no filme luso-espanhol «Reino Santo». Diz-se que Madeleine ganhará 500.000 pesetas por 75 dias de filmagem, e mais 2.000 dólares por cada dia a mais!



PREÇO AVULSO 1\$80 ~ 21 DE MARÇO DE 1946

ANO V
N.º 252

Este menino é filho dum operário e dum avião americano. Enquanto o pai vê e a mãe trabalha no fabrico, o menino veste-se assim, como os operários, e é como que um símbolo do esforço dos americanos pelo seu país e pelo mundo!



**VIDA
MUNDIAL
ILUSTRADA**

DIRECTOR:
JOSÉ CÂNDIDO GODINHO
EDITOR:
PEDROSA MARTINS
PROPRIEDADE DE "VIDA MUNDIAL"
EDITORIA, LIMITADA



O Imperador Hirohito sorri pela primeira vez em frente do objectivo, para um grupo de crianças japonesas repatriadas



A última novidade americana: — telefones instalados em automóveis! De dentro do seu carro, qualquer pessoa pode telefonar para os amigos!

(Serviço Internacional «News Photos», exclusivo para «Vida Mundial Ilustrada»)

CANTIGA NOVA

POR ANÍBAL NAZARÉ

QUANDO uma cantiga nova calha em ficar no ouvido do líbaeta, é certo que vamos passar a ouvi-la a toda a hora e a todas as esquinas, e se vai transformar, por obra e graça da sua melodia, em cantiga da rua.

Líbaeta ouviu-a num programa de Rádio ou num quadro de revista. Foi cantada, em voz

baixa, no escritório ou na escola, experimentada ao piano, só com um dedo, gritada pela cozinheira, enquanto abana o lume, e, por fim, assobiada na rua. E foi a consagração!

Sabido é que a música que antes fôra melodiosa, vai transformar-se em perseguição permanente, em aborrecimento colectivo, em coisa indesejável...

Vamos ouvi-la de manhã, ao levantar; e à hora do almoço, a tirar-nos o apetite; e à tarde, ao sairmos; e à noite, quando nos apetece dormir e a canção nos persegue teimosamente...

É sempre assim quando uma cantiga nova cai no goto do líbaeta, que se perde por cantigas.

É sempre assim quando a cantiga nova passa a ser cantiga da rua e os maridos passam a pedir às esposas que teimam em tocá-la ao piano:

— Ó filha! Por amor de Deus, não toques isso, porque mesmo que toques mal — sempre se percebe o que é...

A VINGANÇA DOS PARDAIS

Há um petisco em Lisboa, de agradável paladar, que faz a fortuna de todos os tascos do Arco de Bandedeira e Douradores. Mal a gente entra naqueles estreitos corredores o cheiro da fritura entra-nos logo pelo nariz dentro.

São os pardais fritos, bem passados na banha fervente em largas frigideiras. Antigamente, o lisboeta deliciava-se com as riscas da Travessa do Cotovelo, ali ao Arsenal, ou com os pastéis de bacalhau da tia Joaquina, no Socorro. Tudo isso, porém, passou de moda — e o petisqueiro oficial para o vinho é o pobre pardalito. Chegam a entafá-nos num cordel — como se faz aos pinhões, e a expô-los à porta, num vivo reclamo. Cada pássaro frito custa dois escudos — e acaba-se rapidamente, com tamanha procura.

O negócio já não deixa descansar, livremente, os passarinhos em cima das árvores. O homem procura no exteriorismo total dar uma satisfação de prazer à gula desenfreada. Já lhe não basta a Natureza ou os oceanos com os peixes.

Não. Exige mais — tudo. Manda pôr armodilhas nos campos, visco nos arbustos, rêsdes nos outeiros — para que os pobres pássaros caiam prisioneiros para, depois, fritos, deliciarem o estômago. Que interessa que eles pertençam, livremente, à Natureza?

O homem, que é um animal com raciocínio, sabe, por consequência, o que quer — e o que vale. Se ninguém agarrasse os pássaros, eles acabariam por nos devarar — depois de terem tragado todas as searas. De modo que o exteriorismo está explicado. Unicamente o homem quando protesta que se não deve comer o passarinho frito — é pelo preço.

Dois escudos, é demais. Eles não têm nada que comer — são umas cartilagens que se trincam com os dentes — e umas coisas sem febra. A humanidade do homem está, pois, relacionada com a verba que vai dispendendo.

Ele diz: «não há direito», não pelo gesto do passarinho, mas pela ganância do comércio.

Pusessem, no verdade, os pardais mais baratos e haveria bicho à porta dos tascos.

Chegamos a uma altura em que se come tudo. O que é preciso é ingerir, contentar o estômago se com pardais ou lagartos.

De modo que a pardalada faz a delícia de muitos piedosos amadores, que amam a liberdade e gostam de ouvir a frigar e caçarola. Os passarinhos encontraram, agora, a iniquíssima dos autos-de-fé a dois escudos. Vão enriquecendo alguns alegres com os pássaros que são nossos — e o paladar avinhado da clientela.

É por isso que os pardais da Avenida, sabedores dessas carnificinas de tantos irmãos infelizes, fritos em largas frigideiras, teimam constantemente em brincar, de cima das árvores, com os animais de dois pés que andam cá em baixo, a passear pacificamente...



Antes de deixar Miami, Churchill quis visitar um grande avôrio. Aqui o vemos com uma das bonitas cotatuças que ali encontrou.

POSTAL DA SERRA MENINOS! VAMOS PARA A SERRA!...



Imponente paisagem, vista da torre, a dois mil metros de altitude



O pintor Carlos Carneiro, certo todos os anos na Serra, repousa junto do abrigo da torre...



...e logo se apronta para outro descido.



Descansando, depois duma forte descida



Este mês, nos dois mil metros a neve é abundante!



Neve e só neve!



O monumento a Nossa Senhora dos Pastores, a inaugurar em Agosto



A barragem de Unhas, vista dos Cantaros



Um trambolhão aparatoso!

QUEREMOS parecer que todo o País sabe já que na Serra da Estrela se praticam algumas modalidades de desporto na neve. O esqui, pelo menos, é familiar às gentes destes sítios, e qualquer jovem sabe esquiar, pouco mais ou menos como qualquer campeão norueguês... A questão está menos no saber do que em praticar. Depois, diversas personalidades em destaque deram a sua adesão aos desportos na neve, e a Serra da Estrela, servida pela Covilhã, proporciona a toda a gente as possibilidades para a prática de tal desporto, que, diga-se de passagem, não fica nada em conta...

Assim, por isto e por muito mais, os rapazes da Covilhã, acompanhando as suas camaradas femininas, sobem à montanha a fazer skis.

É vê-los, em todos os fins de semana, treparem pelas encostas rochosas da nossa Estrela, dando uma real prova de valentia, espírito moço e de autênticos desportistas, votados a uma causa bem inglória, pois que nunca as entidades oficiais ajudaram, como deviam, desporto tão intimamente ligado ao turismo.

Não temos abrigos, não temos transporte para as grandes altitudes, não temos estradas, não temos nada.

Por fim, até o nome das Penhas da Saúde foi arrebatado do seu devido lugar para dar o nome a um Sanatório que se chamava dos «Ferroviários».

Mas, apesar de tudo isto, merece a pena vir à Serra da Estrela para praticar os desportos da neve, até porque o «Ski Clube de Portugal» ajuda sempre a resolver os problemas dos que aqui chegam.

Olhem, pois, para as fotos e resolvam-se!

Venham à neve!

(Fotos, Jerónimo Santos — Covilhã)



O general Marshall sentado entre o representante de Chiang-Kai-Chek, Chang-Chung (à esquerda) e o comunista Ch-- En-lai, enquanto discutiam as condições de paz.

PAZ NA CHINA!

O general George C. Marshall, antigo chefe do Estado-Maior do exército americano, conseguiu, finalmente, persuadir os diversos partidos chineses a assinarem uma paz militar. Aqui vemos algumas fotos do acontecimento.



Os eternos caçadores de autógrafos assediavam o general Marshall, no coquetela dado em sua honra depois de ter sido assinada a paz.



O general Marshall dança com Mrs. Han Lik-Wu, esposa do vice-ministro da Educação, em Chung-King.



O generalíssimo Chiang-Kai-Chek fazendo um discurso na Conferência de Consulta Política, onde se reuniram todos os partidos.

SALUQUIA RENTINI

UMA ARTISTA QUE A CAPITAL CONHECEU DEPOIS DE DEZASSETE ANOS DE TRABALHO PELA PROVINCIA!

TEM 23 anos e estreou-se, no teatro, aos seis! Durante dezasseite anos percorreu o país, trabalhando num teatro desmontável, de que sua mãe era empreiteira. E só agora conseguiu realizar o seu sonho: — trabalhar num teatro na sãrlon, desde que existem nas grandes cidades e não se deslocam, de terra em terra, numa vida incerta de saltimbancos!

Trata-se, como o leitor já deve ter adivinhado, de Saluquia Rentini, filha de Julieta Rentini, e pertencente a uma família de artistas. Ela, a mãe, irmãos, sobrinhos, cunhados, todos sabem o que é pisar um palco...

Na sua modelação de teatro ambulante, a Companhia Rentini destacava-se de outros agrupamentos idênticos. Aquilo já tinha um ar de profissionalismo que fazia as coisas todas correrem num ritmo certo e seguro. Todos trabalhavam com alma e as suas «tourneés pelas terras da província eram sempre aguardadas com interesse e coroadas de êxitos, tanto artísticos como financeiros, bastante lisonjeiros.

«Mas um dia...»
«Ouçamos o que nos diz Saluquia, uma rapariga que não é bonita mas é uma simpática e nos fala com um ar de sincera modestia, que impressiona:»

«Um dia, a Companhia dissolveu-se. A minha mãe «passou» o Teatro ao meu irmão, para ele começar a dar, pela província, espectáculos de cinema sonoro!»

«Nem o vosso Teatro escapou à Invasão do Cinema! Registamos: São Luis, Eden, Politeama, Ginasio — e Rentini...»

«E verdade. E eu, que precisava



A actriz, fotografada no Porto, quando ali se estreou

de trabalhar e não sabia fazer mais nada, fui oferecer-me, no Porto, ao ar. Piero, que foi muito amável comigo e me deu o papel da «Bonequinha do Porto!»

«Diga-me, Saluquia: — em quantas peças tem entrado, até hoje?»
«Sete! Dramas, operetas, revistas... Impossível lembrar-me!»

«Cite-nos algumas!»

««Galato de Lisboa», «Coleta Encarnada», «Amor de Perdidos», muitas revistas e operetas...»

«Mas perguntas:»

«Em que terra nasceu?»

«Em Ferreira do Alentejo.»

«Gostou do público do Porto, quando trabalhou no Sã da Bandeira?»

«Muito! E o público já me conhecia de quando lá estivemos com o teatro metálico!»

«E do de Lisboa?»

«Oh! Estou encantada!»

«Que género de teatro prefere?»

«A revista!»

«Saluquia Rentini conta-nos, depois, que está muito grata a Erico Braga pela forma como a tem ensaiado e a todos os seus colegas da Companhia pelo belo ambiente de camaragem, que encontrou.»

«E agora, Saluquia?»

«E agora... Continuar a trabalhar, e seja o que Deus quiser! E tenho que trabalhar mesmo, sabe?»

«E numa confidência:»

«Tenho um filho de três anos!»

«E do de Lisboa?»

«Oh! Estou encantada!»

«Que género de teatro prefere?»

«A revista!»

«Saluquia Rentini conta-nos, depois, que está muito grata a Erico Braga pela forma como a tem ensaiado e a todos os seus colegas da Companhia pelo belo ambiente de camaragem, que encontrou.»

«E agora, Saluquia?»

«E agora... Continuar a trabalhar, e seja o que Deus quiser! E tenho que trabalhar mesmo, sabe?»

«E numa confidência:»

«Tenho um filho de três anos!»

«E do de Lisboa?»

«Oh! Estou encantada!»

«Que género de teatro prefere?»

«A revista!»

«Saluquia Rentini conta-nos, depois, que está muito grata a Erico Braga pela forma como a tem ensaiado e a todos os seus colegas da Companhia pelo belo ambiente de camaragem, que encontrou.»

«E agora, Saluquia?»

«E agora... Continuar a trabalhar, e seja o que Deus quiser! E tenho que trabalhar mesmo, sabe?»

«E numa confidência:»

«Tenho um filho de três anos!»

«E do de Lisboa?»

«Oh! Estou encantada!»

«Que género de teatro prefere?»

«A revista!»

«Saluquia Rentini conta-nos, depois, que está muito grata a Erico Braga pela forma como a tem ensaiado e a todos os seus colegas da Companhia pelo belo ambiente de camaragem, que encontrou.»

«E agora, Saluquia?»

«E agora... Continuar a trabalhar, e seja o que Deus quiser! E tenho que trabalhar mesmo, sabe?»

«E numa confidência:»

«Tenho um filho de três anos!»

«E do de Lisboa?»

«Oh! Estou encantada!»

«Que género de teatro prefere?»

«A revista!»

«Saluquia Rentini conta-nos, depois, que está muito grata a Erico Braga pela forma como a tem ensaiado e a todos os seus colegas da Companhia pelo belo ambiente de camaragem, que encontrou.»

«E agora, Saluquia?»

«E agora... Continuar a trabalhar, e seja o que Deus quiser! E tenho que trabalhar mesmo, sabe?»

«E numa confidência:»

«Tenho um filho de três anos!»

«E do de Lisboa?»

«Oh! Estou encantada!»

«Que género de teatro prefere?»

«A revista!»

«Saluquia Rentini conta-nos, depois, que está muito grata a Erico Braga pela forma como a tem ensaiado e a todos os seus colegas da Companhia pelo belo ambiente de camaragem, que encontrou.»

«E agora, Saluquia?»

«E agora... Continuar a trabalhar, e seja o que Deus quiser! E tenho que trabalhar mesmo, sabe?»

«E numa confidência:»

«Tenho um filho de três anos!»

«E do de Lisboa?»

«Oh! Estou encantada!»

«Que género de teatro prefere?»

«A revista!»

«Saluquia Rentini conta-nos, depois, que está muito grata a Erico Braga pela forma como a tem ensaiado e a todos os seus colegas da Companhia pelo belo ambiente de camaragem, que encontrou.»

«E agora, Saluquia?»

«E agora... Continuar a trabalhar, e seja o que Deus quiser! E tenho que trabalhar mesmo, sabe?»

«E numa confidência:»

«Tenho um filho de três anos!»

«E do de Lisboa?»

«Oh! Estou encantada!»

«Que género de teatro prefere?»

«A revista!»

«Saluquia Rentini conta-nos, depois, que está muito grata a Erico Braga pela forma como a tem ensaiado e a todos os seus colegas da Companhia pelo belo ambiente de camaragem, que encontrou.»

«E agora, Saluquia?»

«E agora... Continuar a trabalhar, e seja o que Deus quiser! E tenho que trabalhar mesmo, sabe?»

«E numa confidência:»

«Tenho um filho de três anos!»

«E do de Lisboa?»

«Oh! Estou encantada!»

«Que género de teatro prefere?»

«A revista!»

«Saluquia Rentini conta-nos, depois, que está muito grata a Erico Braga pela forma como a tem ensaiado e a todos os seus colegas da Companhia pelo belo ambiente de camaragem, que encontrou.»

«E agora, Saluquia?»

«E agora... Continuar a trabalhar, e seja o que Deus quiser! E tenho que trabalhar mesmo, sabe?»

«E numa confidência:»

«Tenho um filho de três anos!»



O Dr. Gino Saviotti corrige uma cena

SABE O QUE É O "MICROTEATRO"?

O teatro, por dentro, é uma sedução para toda a gente.

O mundo dos bastidores e a vida íntima dos palcos exercem uma atracção mágica, profunda, sobre o público. Temos aqui o Teatro-Estúdio (melhor: Microteatro), instalado na Rua do Salfre, 146, e que se propõe, dirigido por Vasco Mendonça Alves, Gino Saviotti e Luis Francisco Rebelo, individualidades de prestígio no meio teatral, levar a cabo uma obra de reintegração teatral. Dos seus objectivos fazem melhor do que nós as peças escolhidas pelos organizadores para o espectáculo de apresentação: «O Homem de Flor na Boca», de Pirandello, «O Beijo do Infante», de João da Câmara, «Visões», de Mendonça Alves e Maria Amélia, e estreia de Alves Redol como dramaturgo.

Teatro antigo e moderno, nacional e estrangeiro — teatro de sempre, actual.

E quem vai interpretar essas peças?

Desconhecidos — quase todos. Rapazes e raparigas, estudantes e empregados, todos cheios de entusiasmo e seduzidos pelo que o teatro tem de fascinante e dominador — todos os dias ensaiam, sonhando com os destinos gloriosos da Arte.

Por isso, no «Teatro-Estúdio», além dos espectáculos destinados ao público se realizam ainda reuniões em que se discutem problemas de estética teatral — tudo num ambiente cheio de simpatia e camaradagem.

«...», aquela meia dúzia de jovens entusiastas, em tudo que se re-actua com o teatro vai adquirindo uma cultura muito apreciável.

Para se fazer um actor — um verdadeiro actor — não basta a intuição. É preciso que haja ainda uma fadiga equilibrada de cultura e talento. E talvez — quem sabe? — tenha o «Teatro-Estúdio» uma escola de futuros actores. Talvez não venha longe o dia em que nomes como os de Desalva de Medeiros, José Buratto, Maria Amélia Ribetto e Mercedes Benassy, para citar alguns dos componentes do grupo do «Micro-Teatro», tenham criado nome e prestígio e andem nos cartazes, festejados pelo público.

As directrizes essenciais da actvidade do «Teatro-Estúdio», onde as coisas se fazem não impensadamente, mas obedecendo a um critério abstratamente estabelecido (e talvez por raramente assim suceder tantas iniciativas promissoras têm falhado entre nós), estão contidas num importante «Manifesto Essencialista», incluído nos programas.

A ideia-base é, podemos dizer, um regresso à autêntica e eterna essência teatral. Pode falar-se num novo classicismo, levado, todavia, a cabo com plena consciência dos tempos que atravessamos.

O momento não é para atitudes negativas. De directores do «Teatro-Estúdio» sabemos bem — e a sua beta iniciativa aí fica a documentá-lo, valendo, acima de tudo, como um nobre, um digno sinal de presença.

Um ensaio de leitura no Micro-Teatro



Assim fazia Saluquia de espanhola, numa revista, quando o Teatro Rentini passou pelo Nazare.



Aqui a vemos ensaiando já «numa companhia a sério». A seu lado vemos Cremilda, Erico, Soares Carreira, Luis de Campos, Alberto Reis, e Domingos Marques.

A mina de urânio de Eldorado, localizada a 200 km do lago de Grande Lago, já na Canadá Arctica.



A PROPÓSITO DA ESPIONAGEM SOBRE A BOMBA ATÔMICA



A urânio-235, desde os tempos antigos.

**AS MINAS
CANADIANAS
DE URÂNIO
NO ÁRTICO**



Uma das minas de urânio, próxima de Port Radium, a poucos quilômetros do Ártico.



Seção de urânio-235, retirado de um poço de mineração, no Canadá.



Uma das minas de urânio, no Canadá Arctico.



Uma das minas de urânio, no Canadá Arctico, a poucos quilômetros do Ártico.

PORÉM, desde grande parte de século — como descobertas feitas de urânio — foram feitas descobertas — e foram as da América do Norte, da América do Sul e da América Latina. De fato, a maior parte do urânio do mundo está na América do Norte, e a maior parte da América do Norte está no Canadá. De fato, a maior parte do urânio do mundo está no Canadá.



Uma das minas de urânio, no Canadá Arctico.



Uma das minas de urânio, no Canadá Arctico.



Uma das minas de urânio, no Canadá Arctico.

Uma das minas de urânio, no Canadá Arctico.



Uma das minas de urânio, no Canadá Arctico.

NOVELA POR ALBERT-JEAN

NOVELA POR ALBERT-JEAN

STO começou da maneira mais simples. Clarke Randall parou diante da "passarela" carregada de frutas que ligava as traseiras das tartanas ao cais de Split e comprou um quilo dessas uvas moscatéis que os vinhateiros dalmatas colhem nos flancos abrasadores das suas colinas. Mas, no momento em que se preparava para desabotoar o primeiro cachu, uma pequena mão sem luva apertou pelo saco de papel que ele segurava debaixo do braço, e uma voz fresca exclamou:

— Muito obrigado por ter pensado em mim, Randall! Adoro as uvas moscatéis!

Clarke rodou nos calcaneares.

— Mabel! Julgava-se em Salona?

— Já jovem encobriu os ombros.

— Sim! Mirko desejava absolutamente fazer-me as honras destas ruínas, como se ele as tivesse feito com as suas próprias mãos! Mas eu não quis ir até às novas escavações. Todas estas pedras não me interessam nada.

Depois, arrastando Clarke pelo braço:

— Tenho sédel— declarou Mabel. E há aqui um café muito simpático.

A sombra do palácio Diocleciano cortava a "Marinara em duas partes": um dum violeta espesso, rente às muralhas; a outra, dum amarelo pálido, deslumbrante, sob a acção dos raios solares que as palmeiras do cais ventilavam, brandamente, com as suas folhas secas.

— Que toma?— perguntou Randall quando os dois se instalaram em frente dum cassas meiodia de pé de galo pintado de verde, que se encontram sempre em todos os peões de café, de Bagas e Cadix, de Port-Lyautey a Istambul.

— Sumo de ananás.

— Não se esqueça prudentemente a sua companheira!

— Fazia melhor se pedisse vinho da terra!

Foi precisamente neste instante que Mirko Pantevitch entrou com um passo indolente, nessa "vinara" onde as moças morriam nas tiras de papel viscoso como escorpiões no fundo dos nossos cafés da Provença.

— Olhal! Que bela surpresa!— exclamou etc.— O tio não se esqueça aqui eu pensava encontrar-vos aqui!

Não se faça ignorante!— exclamou caridosamente Mabel.— Você tinha-nos visto entrar...

— Eu? Nunca na vida!

Mirko mentia, evidentemente. E Clarke sentia a impetuosa necessidade de escangalhar, com as socos, o arranjo impévil daquela gravata e daquele cabelo lúcido.

Em contraste com a elegância do dalmata, Randall parecia ter dormido três noites seguidas, no Ecdético de Salvago. Os seus olhos vermelhos ao pente, desgrenhavam-se em todos os sentidos, e a papos intumesciam as calças nos joelhos como galgas de foies.

— Não me licença?

— Sem esperar a resposta dos dois Mirko Pantevitch instalou-se à mesa.

— Mabel, quando é que vem visitar as ruínas de Salona?— perguntou ele à filha.

Eta sorriu-se.

— Decididamente, não larga essa fidelidade.

Um desses cantores de "psems" que parecia ter saído da noite do tempo, com a "gracia" azulada, os olhos envidoados e o fato anodino, começou a salmodiar uma canção inapreciável.

Mirko, que era o único que poderia reconhecer o canção, encobriu os ombros sob o jaquetado de "swedes".

— O que é que é de ti diz?— perguntou a Mabel.

— Diz— traduziu Mirko— que vale mais destruir o objecto do

nosso amor do que abandoná-lo a um inimigo.

Instintivamente, o olhar dos dois rapazes cruzou-se como espadas.

— É um programa!— perguntou Randall.

— Talvez!— respondeu Pantevitch.

Mabel, que os observava com uma ardente curiosidade, pousou a mão na mão de Mirko.

— Quer que vamos a Salona esta tarde?

— O resto do dalmata illumino-se.

— Estou as vossas ordens!

O cego continuava a cantar, acompanhando-se com a corda única do seu instrumento, enquanto um rapaziote todo sujo e picado das pulgas, passava por entre as tuensas apresentando uma concha rachada aos consumidores.

Quando o rapaziote estendeu a concha a Mirko, este empurrou-a duramente com a mão; mas a jovem agarrou a pedinte pelo ombro.

— Espera!

Pegou num bilhete de cem edinras que tirou da bolsa e meteu-o no fundo da concha. Depois, sem ouvir os agradecimentos do seu dalmata criança, disse a Mirko:

— Encontro esta tarde as cinco horas, na cidade velha, em frente do palácio do Provedor... Seja pontual. Não gosto de esperar.

E saiu da "vinara". Entretanto, as vespas zumbadoras começaram a atacar os copos.

Estendida como um cadáver, nas matens dum caprichoso ribeira que brota do rochedo, já toda formada, a antiga Salona espia os seus palácios, dos seus anfiteatros na plenitude onde o estufo arripa a prateada folhagem das oliveiras.

Quando Mabel e Mirko chegaram perto das ruínas, Mabel, que conduzia um pequeno carro, uma espécie de furo metálico de escape livre, parou diante da humilde barraca onde os pequisalores põem os seus achados.

E desdenhando a presença dum adepto no aspecto do mastro, que se propunha guiá-los por entre os restos da antiga metrópole, Mirko pegou deliberadamente no braço da jovem.

— Venha comigo! Vou fazer-lhe as honras da cidade.

Passaram-se alguns segundos. Depois a porta da barraca entreabriu-se e Clarke, que estava à espreita, saiu, com uma dízta de postal na mão.

— Um muito corado e o lábio inferior tremia como se tivesse vontade de chorar.

O guia, que esperava a passagem dos turistas com uma paciência de aranha, avançou seguidamente ao encontro de Clarke.

— O senhor já visitou o nosso museu?— perguntou.

— Não, mas gostaria de ir também as termas de Diocleciano, a necrópole...

Dum olhar aborrecido, Clarke afastou o importuno.

— Para que será este coquetismo!— perguntou ele a si próprio com desdém. Mabel sabe que a amo e que sou capaz de tudo para a fazer feliz. O pai dela é amigo do meu.

Ambos são sócios, em Nova-Orleans, no mesmo negócio de seguros. Mas, de qualquer modo, a minha felicidade, agradava as nossas duas famílias. Mas eu preferia preferir "flirtar" com esta espécie de dangarino mudando, chelo de pomada como uma tabuleta de alibetretiro's.

Deu alguns passos, ao acaso, atrás do pai, e entrou numa sala recentemente abertos de que se descobriam os caboccos dum casa antiga.

Fragmentos de pórfiro incausta-



— O escorpião! O escorpião!...

Quando chegou ao pé deles, Mabel, que acabava de se erguer e segurava um fragmento de mármore no mão, perguntou-lhe com uma voz calma:

— Oh! De onde é que vem?

— Ele não pôde senão balbuciar: — Você é dum imprudência...

— Porquê?

— Mirko não li disse que todas essas velhas pedras escorriam escorpiões?

— Foi o guia.

— E não lhe mostrou o escorpião que ele passara por toda a parte num frasco? É uma forma como qualquer outra de divertir os turistas e de juntar um pouco de pilosidade à visita a estas ruínas. Não se deixe impressionar por essas invenções, Mabel. Vou conduzi-la ao lugar das novas escavações. Os arqueólogos acabam de examinar o estadiu de Salona.

Mabel voltou-se para Randall:

— Você vem?

— Não quero ser indelicado...

Mirko franziu as sobrancelhas. Por momentos o seu olhar muito desdenhoso e o companheiro que o esprecho da jovem lhe impunha. Depois, inclinou-se, com um sorriso confrineto.

— Mademoiselle Hawkins tem a liberdade de se fazer escotar por quem ela quiser.

Mabel não respondeu nada. Notara uma ameaça sob a aparente cortezia da réplica, e lamentava bruscamente o ter cedido à insistência de Mirko.

Este parecia ter tomado o seu partido da indesejável presença de Randall, e conduzia os seus dois companheiros através das ruínas com uma localidade de profusão.

Mas Mabel já não ouvia as explicações de benevolu guia. Uma nítida preocupação brotava o seu pequeno cérebro, e ela pensava enquanto o dalmata cumula as citações:

«Não posso ir a Clarke e Mirko para Split, porque só tenho dois lugares no meu carro. Tenho, pois, que deixar ficar um aqui. Conheço-o bem. São tão susceptíveis um como o outro, e isso vai dar complicações que nunca mais acabam!»

Tinham desaterrado a pista em cento e vinte e seis passos; levantado os dois cipos que limitavam o anfiteatro onde se acumulavam outrora os espectadores, e os vestígios dum pórtico deixavam prever que as competições deviam desenro-

(Continua na página 14)

PAPELARIA CARLOS

AV. DA AUREA, 100 - TEL. 20244

Especializada em livros de escrituração e Artigos de escritório

A CRÍTICA LITERÁRIA NO BRASIL

JUDICIO de civilização que proprie e através do seu necessário sentido de liberdade se exprime, a crítica literária tem ganho no Brasil o prestígio e o carácter público que mais a podem dignificar. As últimas peças, sobretudo, representando a maturidade intelectual, a força humana, a densidade da cultura que se afina em auto-observação e em compressão cada vez mais larga, tem dado à crítica brasileira o alto lugar que lhe cabe no mundo sempre flutuante das letras. Não é por simples acidente ou por nobreza da moda que sucede assim. O Brasil conseguiu o privilégio de forjar idéas que se antecipam largamente à marcha social e económica do seu povo, que activam as suas aspirações latentes e se colocam à frente do seu magnífico impulso de civilização verdadeira. Indo além da liberdade nas instituições, pela qual se tem balido tão corajosamente os intelectuais no lado das que têm, como não, a expressão fundamental da dignificação humana, têm criado o profundo sentido da liberdade nas consciências. Por isso a florada brilhantíssima da crítica no Brasil, e sua unidade de expressão, o seu afinamento intelectual, têm acusado com infalível certeza o progresso mais íntimo e mais sério do seu povo.

Não é o fruto de acasos, de talentos accidentais, de modas passageiras. A unidade de estilo e a gravidade intelectual, a curiosidade ampla e a elegância de atitude comprensiva e expressão culta que a crítica brasileira atinge — com tão vasto público, tão grande número e alta qualidade dos que a cultivam — é indício certo de que uma grande nau latina desponta nos nossos dias. Não é língua criadora de pensamento e de liberdade, repudiando as noções desta que são também o repúdio daquele e por isso ganhando justamente o direito de falarem mais alto do que ninguém na civilização que herdaram e não esqueceram. O esplêndido volume da homenagem a Eça de Queiroz vem a reverter, para nós, portugueses, que o termo, em homenagem ao Brasil novo que evolui e respira os que podem e sabem acompanhá-lo entre nós nesta sua época criadora.

«LIVRO DO CENTENÁRIO
DE EÇA DE QUEIROZ»

É este grande volume de estudos eruditos, reunidos sob a direcção brasileira de Lúcia Miguel Pereira e portuguesa de Luís da Câmara Reis a mais completa e digna realização do centenário de Eça de Queiroz. Pela seriedade dos objectivos e pela elevação com que foram executados, situou-se em plano da ironia queiroziana por das especulações interessadas, exhibicionistas de Carnaval e comédias de vaidade que se ofendem a memória do maior crítico das misérias e ridículos nacionais; e, aliando na mais expressiva colaboração muitos dos melhores nomes das letras brasileiras e portuguesas, condensou na volta de Eça de Queiroz o auditério digno da sua personalidade intelectual e da sua obra.

A amplitude do trabalho realizado com o «Livro do Centenário» ultrapassa de longe o espaço e a indole desta página de divulgação crítica para grande público. A apreensão do conjunto só pode ser de elogio caloroso e singelo, pela justa reparação que se prestou ao romancista e, sob muitos aspectos, nos aspectos colectivamente dos abusos inevitáveis e impunes cometidos à sombra do seu nome.

Na colaboração brasileira é que mais impressiona é a unidade da linha de pensamento geral que nos dá a impressão do definitivo e convincente. Não diffeil em geral do género. Muito do que se tem discutido em torno de Eça e do mais importante aparece ao alçado da crítica pelo jogo claro do bom-senso superando os critérios particulares e pessoais. Esta nobre intuição de reestruturo crítico parece sugerir que o distanciamento de novas gerações intelectuais brasileiras em relação ao ambiente que Eça de Queiroz retratou lhes permitiu ver mais lucidamente as impressões verdadeiras que permitiam realmente compreender o romancista. Não só ficaram fixados os problemas que tinham fundamente, como se apontam correctamente as vias seguras do seu entendimento. O jovem cidadão António Cândido sugere, por exemplo, a influência que o sentido plástico e o talento descritivo de Eça deviam ter exercido na sua inclinação para o ruralismo sentimental e o tradicionalismo de certo carácter que nos seus últimos livros se apresentaram mais acentuados — circunstância que entre nós tem servido para especulações tólas, absurdas ou mesmo afrontosas. O mesmo crítico brasileiro nota, com razão, no prefácio, que perigo das interpretações de certa crítica portuguesa reaccionária que se apoderou ultimamente do livro de Eça para explorá-lo com tão avorocada má-fé.

Prove inculca duas observações justíssimas: a falta de referência na obra de Eça a dois grandes factores da reorganização de Portugal, a Inquisição e os Jesuítas; e a falta de peso na representação intelectual da sua personalidade e da sua obra. Já Álvaro Luis parece não ter empolgado o aspecto que versou — Eça e a política — a profundidade e a segurança de outros ensaios seus. Muito melhor conseguiu Molinas Velhinho sobre o mesmo tema. Buarque de Holanda, no estudo sobre a linguagem do Eça, dá um contributo com magistral acerto a tolice pedante de Eça dos puristas perante a sua obra e menciona algumas linhas magnificas do significado da ironia como estilo. Astrogildo Pereira e Dalcídio Jurandir, em estudos que sob uma perspectiva nova e ousada, guardam lucidez e finura que descobrem possibilidades de interpretação de interpretação. E o fragmento de estudo sobre a ironia e a sátira por Gilberto Mendes, com a sua síntese intelectual; a interpretação do valor da biografia por Lúcia Miguel Pereira e a análise da ironia humana; o ensaio de Luis Delgado sobre os temas religiosos na obra de Eça e a análise de certos aspectos de problemas da evolução doutrinária de Eça de Queiroz encontram pela primeira vez no mundo de tão diversos intérpretes, a visão clara e desapassionada que mais se deseja. Não é menor o contributo da colaboração de escritores de outras linguagens. Roberto José destaca justamente o significado naturalista — fiel a todos os antecedentes da sua car-

Luís da Câmara Reis
(Retrato o pastel de Marinho da Fonseca)

reira literária — que se encontra nas últimas obras declavadas de Eça. A tese de Roberto Bifari sobre o profetismo apóstófico e o seu estudo dos tipos de conflito na obra queiroziana; a informação de Raimundo Lazo sobre Eça em Cuba; a definição do tipo humano de Fradique por Gerardo Moser; a distinção entre o realismo de Eça e o naturalismo de certos mestres franceses por António Espinas; a definição de Eça de Queiroz por Phléas Lebesgue — descobrem sobre o romancista novas e atraentes perspectivas de compreensão e de crítica.

Na colaboração portuguesa, lída e apreciada depois da ironia, nota-se mais aliteramente a falta de unidade e, algumas vezes, a falta de equilíbrio nas interpretações. E o ensaio extenso e firme de António Sérgio que sobressai, pelas suas características — pela originalidade do ponto de vista, pela intensidade dos pontos de vista, pela acuidade da definição das personagens de Eça, pela fecundidade crítica da sua tese, e o ter sido sempre um crítico — esclarece habitual do ensaísta, se o esquematismo de doutrina retrai uma parte por outra a sua importância. Porém poderá recutar que este ensaio de Sérgio faz sentir plenamente a grandeza das suas questões.

Hermani Cidade faz inteligente análise da posição de Eça perante a cultura do seu tempo. Ferreira de Castro nota oportunamente o valor dominante do estilo na universalização apresentada pontos de vista muito justos mas demasiado concisos sobre a falta de universalidade em Eça; e vibrante e verdadeiro o parágrafo de Jaime Cortesão sobre o jornalista Casais Monteiro aponta com justeza a sobreposição dos destinos individuais nos atavismos sociais na evolução da obra queiroziana; João de Barros vê com bom-senso claro e simples que certos aspectos dos versos de Eça de Queiroz; mas Santana Dionísio é confuso, o trabalho de Fernando Trigueiro é repetitivo e desilante, a historieta de Fidalgo é excêntrica e vã, o esgarçado de Simões é pouco agradável, a fantasia dialogada de Mário Sacramento não compromete a bem construída análise da concepção da ironia em Eça. E só a parte mais apontar ainda, nesta notícia já longa, quanto é necessário a monografia de generalidade revolucionária de Eça ou outras confusões e injustiças desalentadoras da generalidade possível na crítica.

O «Livro do Centenário» apresenta-se, ao cabo de tudo, como o primeiro livro de estudos de interpretação de Jaime Cortesão, a quem sempre prestamos por esse facto homenagem. Não é menos a primeira realização de seus organizadores checa o reconhecimento dos que professam a generalidade do espírito e por eles combatem.

Livraria Eclética
LIVROS NOVOS E USADOS

Compra grandes e pequenas bibliotecas

Calçada de Combro, 58 — LISBOA

GABRIELA MISTRAL E O PRÉMIO NOBEL

CÓUBE à poetisa chilena Gabriela Mistral o Prémio Nobel da literatura em 1915. O prémio foi entregue à grande escritora pelo rei Gustavo V, da Suécia, no Conservatório de Estocolmo, entre os aplausos emocionados de uma grande multidão. Gabriela Mistral, que conta hoje uma idade já avançada, não apenas uma grande figura da literatura mundial, mas também um caso humano emocionante em que à chama brilhante do génio se reúne o triunfo exemplar da vontade. Modestíssima e ignorada professora numa aldeia serrana do Chile, foi a sombra das montanhas nevadas dos Andes que compôs os seus primeiros versos. Neles cantava em formas populares mas de intensa paixão interior a malestade da natureza, o amor pelo e pelas mulheres, a glória das pequenas mas heróicas missões humanas.

Entre os heróis e mestres das escrituras viveu largos anos cumprindo uma dessas heróicas missões como professora que se desdobrava em inúmeras tarefas de assistência material e moral aos alunos. Um dia mandou um poema a certo jornal de Santiago do Chile: animaram-na a continuar a publicar o seu primeiro livro de versos. Foi uma surpresa e um deslumbramento. Entre outros heróis e Pablo Neruda ninguém exprimita com tão grande veemência, e recentemente pelo próprio Nobel, como já o fora pela exaltada admiração da sua raça. Gabriela Mistral exerce hoje na América do Sul uma espécie de matriarcado das letras cujo prestígio, na modestia e ingenuidade da sua atitude, ninguém pode ainda disputar-lhe.

PHILIPS



CABA

Jose Costa

AGENTE OFICIAL DE
TODAS AS MARCAS DE
RADIO

RUA DE S. PAULO, 11-13/LISBOA/TEL. 2 4888

MONTEGIL

Água de Colónia
Parque Florido

Pó de Arroz e Rouge

Três productos indispensáveis à
distinção da mulher



Montegil ★



Banquete oferecido pela Câmara do Comércio Francesa ao sr. Maxime Vaultier, e cuja inscrição foi limitada aos membros daquela agremiação



Teve um alto significado a homenagem prestada ao sr. António Centeno, presidente do Conselho de Administração das Companhias Reunidas Gás e Electricidade, comemorando o seu 85.º aniversário noturnico e o 60.º da sua entrada para as mesmas Companhias.



Os srs. João Pereira da Rosa, director de «O Século», e Guilherme Pereira da Rosa, sub-director do mesmo diário, durante a sua visita à Fábrica Portuguesa de Artigos Eléctricos, onde são fabricadas as lâmpadas PHILIPS, acompanhados dos senhores M. C. Wolffensperger, administrador-delegado da Philips Portuguesa, e Eng.º Melro de Sousa, director técnico da FAPAE.

ÚLTIMAS IMAGENS DO CARNAVAL



As crianças que tomaram parte na «matinée» infantil do Lisboa G. Clube

A INAUGURAÇÃO DO NOVO AQUARTELAMENTO DA ESCOLA PRÁTICA DE ENGENHARIA EM TANCOS



O sr. Presidente do Conselho e o comandante da Escola Prática de Engenharia, passando revista às tropas camufladas



O governador civil do distrito e officialidade, visitam o novo aquartelamento



O sr. Governador Militar de Lisboa recebe o sr. ministro da Guerra



Nesta foto vêem-se o sr. ministro da Guerra e vários officiaes do Estado-Maior do Exército, ouvindo explicações acerca do novo quartel.



O sr. dr. Oliveira Salazar e o sr. Ministro da Guerra na nova sala dos officiaes.



No almoço, o Chefe do Governo agradece as referências feitas ao sr. Presidente da República



Aspecto dum dos bailes no Casino Estoril



Grupo de crianças premiadas no 2.º Concurso Infantil do mesmo Casino

As habilidades do homem

A PARECEU agora um habilidoso que gasta as horas da existência a fazer construções arquitectónicas com palitos. Reconstrói monumentos, arma casas, faz barcos, e tudo isso com uma minúsculos pavios de madeira. A gente pasma como é possível, nos dias de hoje, conseguir-se esse verdadeiro milagre de paciência. Ainda há pessoas felizes neste abençoado mundo. A nossa era deve ficar marcada na história, a atestar a paciência do homem. Não existe período igual que melhor possa definir a resignação da espécie humana perante o tempo voador.

O homem habituou-se a esperar — na «bicha» interminável dos telegramas urgentes (quando leva três horas para ser atendido), e nas «agressões» dos caminhos de ferro, onde estaciona uma tarde à espera do comboio, inevitavelmente atrasado como manda o horário. O relógio deixou de ter utilidade. Ninguém é capaz de regular, decentemente, a vida pelos ponteiros. Calcula-se que qualquer homem vulgar gasta metade dos anos de vida a esperar.

De modo que, a nosso ver, causa espanto quando aparece um desses cavallheiros a distrair a existência com habilidades que levam anos a realizar. Este dos palitos — é um génio paciente. Anteriormente, já diversos tinham ensaiado os invulgares dotes de paciência escrevendo os «Lusiadas» em folhas de papel insignificantes. O que devia levar uma resma de papel — vinha, em letra miúda, só legível à lupa, com todos os pormenores. Por economia?

Não. Apenas habilidade calligráfica. Pola bem: é tempo de conceder esses génius com a «grá-cruz da paciência». Se é certo que dessas habilidades não advém proveito algum para a humanidade, também se deve reconhecer o esforço desses pacientes obreiros. É um trabalho persistente, que não fica mal galardoad. Quem sabe se, enquanto estiveram entretidos a escrever os «Lusiadas» ou a armar um palácio com palitos, não se esqueceram de fazer uma partidilha ao vizinho do lado? Tudo é possível. Há gente que perde horas a decifrar palavras cruzadas — e que atira com os pratos só porque o jantar veio cinco minutos mais tarde para a mesa. Outros levam uma tarde inteira debruçados sobre o tabuleiro do vadez e arman chifrim quando esperam dez minutos por um carro repleto. Simplemente aconselharia a esses pacientes e habilidosos que em vez desses trabalhos se lembrem de estudar, por exemplo, a maneira de cozinhar batatas com bacalhau, temperadas com azeite e sal, e em seguida a ser original — em segundo lugar, porque emancipada da moda, criaria possibilidades de vida, vestindo-se daquilo que a Natureza dá — e não daquilo que o alfaiate vende.

Suponham V. Ex.ª como ficaria um homem, originalmente belo, com sapatos feitos de pele de batata, camisas de folhas de repolho, chapéu de casca de melão, bengala de Juneo — e um fato, novinho, feito de malva! Moes à obra, pois! Tudo é possível na vida — é questão de habilidade.

A ACCÃO DA CRUZ VERMELHA PORTUGUESA DURANTE A ÚLTIMA GUERRA



O português de C. V. P. com o Embaixador de Inglaterra, José de Castro, e o embaixador britânico para o governo de Lisboa.



General António de Almeida, Presidente da Cruz Vermelha Portuguesa.



Embajador britânico J. R. e M. de Almeida.



O que resta das ruínas.



As crianças da Cruz Vermelha Portuguesa, durante a última guerra, para que não fossem vítimas da fome.



Uma das crianças da Cruz Vermelha Portuguesa, durante a última guerra, para que não fossem vítimas da fome.



Uma das crianças da Cruz Vermelha Portuguesa, durante a última guerra, para que não fossem vítimas da fome.



Uma das crianças da Cruz Vermelha Portuguesa, durante a última guerra, para que não fossem vítimas da fome.



Uma das crianças da Cruz Vermelha Portuguesa, durante a última guerra, para que não fossem vítimas da fome.



Uma das crianças da Cruz Vermelha Portuguesa, durante a última guerra, para que não fossem vítimas da fome.

MENSAGENS DE SAUDAÇÃO

Um grande número de mensagens de saudação foram recebidas pela Cruz Vermelha Portuguesa durante a última guerra. Estas mensagens foram enviadas por pessoas de todas as nacionalidades, mostrando o interesse e a simpatia que despertou a Cruz Vermelha Portuguesa durante a guerra.

UMA NOVA VITÓRIA

Os esforços da Cruz Vermelha Portuguesa durante a última guerra foram considerados uma vitória moral. A organização conseguiu fornecer assistência humanitária a milhares de pessoas em situação de extrema necessidade.

AS CRIANÇAS, ESPECIALMENTE

A Cruz Vermelha Portuguesa dedicou especial atenção às crianças durante a última guerra. Foram criados campos de refugiados para crianças e foram distribuídas roupas e alimentos para garantir o seu bem-estar.

TRABALHO DESINTERESSADO

O trabalho da Cruz Vermelha Portuguesa durante a última guerra foi realizado de forma desinteressada. Os voluntários dedicaram todo o seu tempo e esforço para ajudar os necessitados.

TRABALHO DESINTERESSADO

Para além de mensagens e fotografias, a Cruz Vermelha Portuguesa recebeu muitas doações de roupas, alimentos e outros materiais necessários para a assistência humanitária.

TRABALHO DESINTERESSADO

Os esforços da Cruz Vermelha Portuguesa durante a última guerra foram considerados uma vitória moral. A organização conseguiu fornecer assistência humanitária a milhares de pessoas em situação de extrema necessidade.

TRABALHO DESINTERESSADO

A Cruz Vermelha Portuguesa dedicou especial atenção às crianças durante a última guerra. Foram criados campos de refugiados para crianças e foram distribuídas roupas e alimentos para garantir o seu bem-estar.

TRABALHO DESINTERESSADO

O trabalho da Cruz Vermelha Portuguesa durante a última guerra foi realizado de forma desinteressada. Os voluntários dedicaram todo o seu tempo e esforço para ajudar os necessitados.



Uma das crianças da Cruz Vermelha Portuguesa, durante a última guerra, para que não fossem vítimas da fome.



Uma das crianças da Cruz Vermelha Portuguesa, durante a última guerra, para que não fossem vítimas da fome.



Uma das crianças da Cruz Vermelha Portuguesa, durante a última guerra, para que não fossem vítimas da fome.



Uma das crianças da Cruz Vermelha Portuguesa, durante a última guerra, para que não fossem vítimas da fome.



Uma das crianças da Cruz Vermelha Portuguesa, durante a última guerra, para que não fossem vítimas da fome.

(Foto de José Lopes)

Escorpião Negro

(Continuação)

lar-se no terreno escolhido, fosse com que tempo fosse.

Quando os visitantes atingiram o fim do estádio, Mabel propôs: — Se vocês fossem chiques, sabem o que haviam de fazer?

— Digam lá! — Deviam ambos alinhar-se na minha frente, para uma corrida de cem metros, como se eu fosse uma princesa, que, antigamente, prestida aos jogos, neste estádio.

Os dois rapazes trocaram um olhar de desafio.

— É uma ideia! — Vou instalá-me acolá, na linha de chegada, e dar-vos-ei eu mesmo o sinal de partida agitando o meu lenço.

— Combinado! — E como prémio da corrida levei o vencedor a Split no meu carro — concluiu Mademoiselle Hawkins com o coração alvado.

Curvados, os dentes serrados, os músculos prontos para a partida, Clarke e Mirko fixavam os olhos, asperamente, na delicada silhueta que se projectava ao fim da pista, porque ambos atribuíam a esta prova um valor de símbolo.

A sorte lá designar, sem apelação, qual dos dois rivais cederia o lugar ao seu vencedor, e o infeliz concorrente só tinha que desaparecer, dum vez para sempre, envergonhado e despetido.

Foi mais um duelo do que um ematch, tanta violência os dois adversários puseram no seu esforço. Desde os primeiros passos, Mirko ganhara três metros de dianteira que Clarke se esforçava por recuperar logo em seguida. Com os músculos distendidos, o dalmata mantinha a superioridade. Mas Clarke, mais atarracado, possuía reservas de respiração que, na última parte do percurso, lhe davam a supremacia sob o seu competidor. E quando ambos surgiram em frente da linha de chegada, um meio metro os separava, com vantagem para Randall.

Mabel então exclamou: — Bravo! Foram estupendo! Supus por um instante que vocês iam ser ex-açous!

E segurando Clarke pelo braço, disse com vivacidade: — Mantenho o que prometi! Levo-o! Não me quer mal, Mirko, por o deixar?

O dalmata inclinou-se: — Eu quero-lhe mal! Está a gra-cejar. Mabel... —

E enquanto ela arrastava o vencedor do ematch para o automóvel, Mirko Pantevitch compôs a gravata cantolando entre dentes a esmacha que o ceço cantara, nessa manhã, no pequeno café de Split: «Vale mais destruir o objecto do nosso amor...»

— Tudo isto é muito bonito! — disse

da página 8) a condutora. Você ganhou a corrida, está bem! Mas eu, posso dizer desde lá à filha de Galla Placidia!

— Da... quê? — perguntou Clarke, que tinha umas noções muito sumárias de história antiga. — À filha de Galla Placidia!... Vamos, não me olhe com esse ar de censura... Não lhe direi exactamente quem era Galla Placidia, porque eu também não estou lá muito certa da época em que ela viveu. Tudo o que sei, é que essa princesa tivera uns aborrecimentos com as autoridades do seu tempo e que a ussillaram no palácio de Diocleciano, nos arredores de Salona.

— Mas fivelá? — perguntou Randall timidamente. — A fivelá? Um colchete, muito simplesmente. Há-os encalhados. Antes da sua intempésta chegada Mirko tinha-me prometido uma, em contradição nas ruínas, e que os sádios afirmam ter pertencido à Galla Placidia.

Ara, contrariamente às previsões pessimistas de Mademoiselle Hawkins, um criado com o costume local aproveitou-se, no dia seguinte, da parte do dalmata, na casa onde Mabel vivia com os pais, e entregou uma carta e uma caixinha à jovem.

Ao ver a missiva e o embrulho, Clarke, que viera buscar Mabel para uma excursão ao cabo Saint-Georges, protestou:

— Não valia aceitar, agora, um presente desse rapaz?

— Porque não? — Mabel desembrulhara o envólucro, enquanto falava e desdobra o papel onde uma calígrafa viril traçara estas simples palavras: «Mabel».

«Queira aceitar esse humilde presente, em recordação do nosso último passeio às ruínas de Salona», Clarke rorou os punhos.

— Mabel, peço-te, devolve-lhe esse presente! Para me darres prazer.

Mas ela, sem uma palavra, começou a desatar a fita que atava a caixa.

— Tanto pior! — exclamou Randall. — Foste tu que assim o quiseste! Arranca o embrulho das mãos da jovem. A caixa caiu no mosaico do hall e, com um pontapé rairoso, Clarke esborrachou o presente do seu rival.

— A fivelá! — exclamou Mabel. — Ajeitárase, e os seus dedos apal-pavam por entre os destroços da embalagem.

Mas, de repente, fez-me muito pá-lida.

— Oh que horror! —

— Que é? O que foi? — perguntou Randall.

Clarke, então, por seu vez, curvou-se e descobriu, esborrachados, lado a lado, no mosaico, uma fivelá de ouro e um escorpião negro.



Este doente alemão, que acaba de chegar num barco da Cruz Vermelha, entra no comboio que o conduzirá ao seu país.

A ACÇÃO DA CRUZ VERMELHA PORTUGUESA DURANTE A ÚLTIMA GUERRA

(Continuação da página anterior)

tre Senhora, que foi presidente e protectora da nossa Cruz Vermelha — a senhora D. Amélia de Orleans.

Para colaborar com a nossa Cruz Vermelha e facilitar a sua generosa missão têm estado em Lisboa, acreditados oficialmente, delegados de vinte e quatro Cruz Vermelhas estrangeiras.

três palavras — três palavras apenas, mas que não precisam de adjectivos para viverem nos corações dos portugueses — no coração do mundo: Cruz Vermelha Portuguesa!

ANIBAL NAZARE

(Fotos de Jaime Santos)

A TERMINAR

Incluindo o nosso país entre as dez nações que mais concorreram para a humanitária obra de protecção aos necessitados durante a última guerra, abençoada pelo Papa Pio XII a Cruz Vermelha Portuguesa, louvada por todos a sua missão de generosidade e sacrificio, que pede em troca a benemerita instituição?

A resposta está nestas palavras do sr. Conde de São Payo, seu secretário geral, para um jornalista que o entrevistou, há pouco, para o jornal *Novidades*:

— «O esforço de todos os que elaboraram nesta formidável obra está pago com a satisfação íntima que sentem por havermos servido a mais nobre das causas!».

Com estas palavras termina bem este breve artigo — breve, sobretudo, se atendermos à vastidão do assunto. Mas não. Terminemo-lo antes com

Uma entrevista com o escultor José Farinha

Na entrevista com o escultor José Farinha que publicamos no nosso último número, há duas rectificações indispensáveis a fazer: a estátua de Francisco Franco é de Gonçalves Zartco e não de Nuno Tristão, como de resto se compreendia pelo próprio texto; as maquetas que reproduzimos eram apenas a de alguns concorrentes e não a de todos, como poderia supor-se.

LEILÃO EM PARIS

Colecção M.^{me} Dubernet-Douine

QUADROS ANTIGOS

de Canaletto, Guardi, Hondokoeper, Lawrence, Nattier, Pater, Robert (Hubert), Tlépou, Hendrik de Meyer

QUADROS MODERNOS

de Corot, Fantin-Latour

OBJECTOS DE ARTE

e de bonita mobília do Século XVIII Móveis e assentos estampilhados por mestres marceneiros

PORCELANAS DA CHINA

TAPÉCARIAS ANTIGAS de Beauvais, Flandres, Gobelins

TAPETES DO ORIENTE — Venda em leilão por falciemento

GALERIE CHARPENTIER — 76, Faub. Saint-Honoré

Quinta-feira, 11 e Sexta-feira, 12 de Abril de 1946, às 14.30 horas

AVALIADORES OFICIAIS:

M.^o ALPH. BELLIER — 36, Place de la Madeleine

M.^o ETIENNE ADER — 6, Rue Favart

PERITOS: MM. Catroux, Max-Kann, Shoeller Porter, Damidot, Lacoste

Exposições — Particular: Terça-feira, 9 de Abril

Pública: Quarta-feira, 10 de Abril

UMA GOTA DE «HERPETOL»

e o desejo de coçar passou. A irritação é dominada. A pele refresca-se e o alívio começa

«HERPETOL»

é um medicamento sério e certo para todos os casos de ERUPÇÃO (Dermite, sarna, crostas, urticária, prurido, eczemas, picadas na pele, etc. ATÉ HOJE NUNCA HOUVE APARECER COISA MELHOR

À venda em todas as farmácias e drograrias

Preço avulso: 11\$00



EVITE as incomodas e aborrecidas utilizações em sua casa de TORNEIRAS TAGO

TORNEIRAS PARA TODAS AS APLICAÇÕES



Esta foto de Peter Carroll é do fotógrafo português Seródio

AINDA os campos estão quentes salpicados de sangue dos corpos que caíram exangues e fecharam os olhos sob a metralha e lama.

A paisagem de sangue, horrrosa, ainda se não estumou — agora que o sol da Paz quer ralar, pujante, cheio de vida, cantando no alvorecer bendito do perdão. Os homens que fizeram a guerra têm ainda nos ouvidos o trinar do canhão e os silvos do «letaria». Ainda, das narinas, o cheiro da pólvora se afastou, na certeza da Morte — para deixar, na estrada da vida, um rastro luminoso de esperanças, e já o homem sente a ingloria dos sacrificios e heróis!

Esta guerra teve horrores. Todos os dias os jornais publicam documentos, autênticos libelos contra a perversidade dos homens, que, feitos da mesma carne, se odiaram, num requinte morbido de loucura. Esta guerra deixou, à posteridade, uma literatura de sangue. Ergueram-se sobre os campos devastados catedrais de lágrimas. Génios de pintura fizeram paisagens de luto. Cruzes altas clamavam, na clemência do perdão. Deusa de mãos, ficaram eternamente gravadas nas faces do mundo. O próprio sol criador terá vergonha de cobrir os «homens de boa vontade».

A terra que dá o trigo ~~pe~~-se coval. Nos vales onde baloiçava a papoila, o trigo, há cruces para o homem meditar e rezar. Delírio de heróis, loucura de destruição, tudo, enfim, salpicado de sangue e lama.

O homem escreveu o seu testamento de despota, de tirano. Dir-se-ia que o mundo era um alvo de destruição.

Se a guerra teve os heróis que combateram de armas na mão — leve, também, os seus biógrafos, que, alheios ao perigo de morte, sofreram para a documentar. O romance dos correspondentes de guerra é uma epopeia viva, inesquecível de heróis. Foram os repórteres que, sempre na frente, tombaram na sua missão heroica, para que o público soubesse a marcha dos acontecimentos. Muitos ficaram entre os destros — vítimas do seu amor profissional. Outros ó destino poupou-os. Aqui está Peter Carroll, fotógrafo-correspondente de guerra da Associated Press, que agora passou por Lisboa e que viveu os piores climas desta hecatombe por que o mundo acaba

(continua na pág. 18)



Uma garota francesa depois, ternamente, um ramo de flores no túmulo dum soldado americano, na Normândia



Quando De Gaulle entrou em Paris a população deixava-se nas ruas para escapar às balas nazis.

PETER CARROLL
FOTÓGRAFO-CORRESPONDENTE DE GUERRA DA ASSOCIATED PRESS ESTEVE EM LISBOA E FALOU À "VIDA MUNDIAL ILUSTRADA"

CARROLL

(Continuação da página 13)
de passar, é um americano simpático, cheio de vida, audacioso — e modesto.

Olhando para ele, com o seu ar distraído e o seu falo largo de desportista, dá a impressão dum turista desembarcado no cais ou em Cabo Ruivo, com dólares no bolso para gastar nos cabarets, jogar duas partidas de stenais — e abala — com um assobio a caminho de Nova-York. Todavia, este rapaz esteve sempre no lado do perigo. Viu timbar, sob a metralha, exército.

A sua odisséia é a de muitos. A sua arma era a objectiva, sempre pronta a fixar documentos, por onde, amanhã, a história se há-de guiar.

— Os fotografos costumavam ser considerados peças secundárias — dizem ele — do xadrez jornalístico. Agora, porém, desde as suas excelentes reportagens de guerra são considerados historiadores pela imagem.

E depois duma pausa:

— Tenho muito orgulho em haver sido um deles — e tenho a certeza de que os vividos resultados obtidos por um fotógrafo de combate durarão muito — e lembrarão ao mundo os verdadeiros horrores da guerra moderna, e o que ela representa para as nossas futuras gerações.

— Como incluiu esta campanha de correspondente de guerra?

— Desembarquei nas praias da Normandia, no «Dia D», com a 4.^a

divisão de infantaria do 1.^o Exército dos Estados Unidos. Os soldados eram lançados do mar nas barcasas de desembarque. Era um inferno. A metralha caía. As praias, cheias de projectores, eram fortalezas de artilharia. Morreram muitos. As barcasas afundavam-se, num mar revolto, cheio de fumo das granadas.

E com emoção, Carroll prossegue: — Alguns destes bravos soldados conseguiram desembarcar e penetrar na Normandia — e forçaram, por consequência, a resistência através da França, Holanda, Bélgica — e, engrossados de reforços, caminharam pelo Reno, directos ao coração da Alemanha.

«Fiz muitas fotografias na Normandia — todas em campanha, mas uma delas, de que me orgulho, é a que mostra os stinks marchando pelos Campos Eliseos, em Paris, durante a libertação.

— E acendendo novo cigarro:

— Essa fotografia figura, agora, num selo dos Estados Unidos, usado como um símbolo — para que não tenham de repetir essa marcha.

E com um clarão de alegria nos olhos, Peter Carroll prossegue:

— Paris, durante esse dia, estava apossada de louca alegria. Toda a cidade, fronte de entusiasmo, aplaudia as tropas que a vinham libertar. Choviam flores de paz — e, nos olhos dos parisienses, havia lágrimas de emoção.

«No dia da parada do general De Gaulle houve pânico, por causa dum tiro disparado na confusão. Como se pode calcular, estabeleceu-se uma barafunda indescritível. A maior parte da multidão deitou-se pelas ruas, para não ser atropelada. Correrias, gritos, tudo numa desordenada loucura. Pois as objectivas dos fotografos, como a minha, não temeram e, felizmente — diz-nos Carroll com um sorriso — conseguí recolher esse documento histórico.

E a terminar:

— Tinha muito que contar. Não vale a pena, porém. A guerra deve-se esquecer para nos lembrarmos que há um mundo novo a construir.

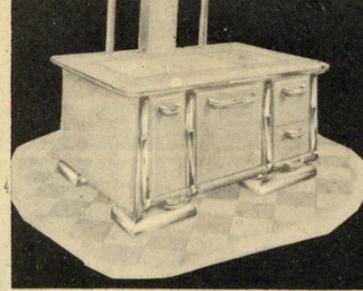
APRENDA RADIO
POR CORRESPONDENCIA, PICA FOLHETOS GRATIS



ACADEMIA NACIONAL DE RADIO
A. DO MAMUÍ, LARANJEIRA, 12 - PORTO

MEIAS • LUVAS
ROSTIGAR
R. DA ASSUNÇÃO 71 LISBOA
LOJA E BARRANDA

Solidez e boa apresentação



São as qualidades de fabrico dos

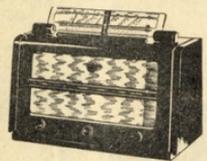
**FOGÕES
COFRES
E BALANÇAS**

Des fabricantes:
ALBERTO DA SILVA (IRMÃOS), LIMITADA
Rua do Arco do Bandeira, 129 = Telefone 24463
e no revendedor
JOSE DA SILVA & IRMÃO, LIMITADA
Rua dos Correiros, 105 e 107



EM 1146
muitos poucos podiam ouvir os grandes artistas de Europa

hoje, por intermédio dos qualificados aparelhos de Rádio PHILIPS, todos podem ouvir os consagrados artistas do Mundo inteiro.



A Grande Marca de Reputação Mundial

PHILIPS

RELAMPAGO
DISTRIBUIDOR

para:
Banheira
Lavatório
Bidet
Lava-Louça
Lava-Roupa



Um RELAMPAGO é indispensável

TODA A DONA DE CASA, PREVIDENTE TEM DUAS PREOCUPAÇÕES:

O CONFORTO E A ECONOMIA DO SEU LAR
RELAMPAGO SATISFAZ ESTAS DUAS EXIGENCIAS

A VENDA NOS SALÕES

FÁBRICA PORTUGAL
Restauradores, 49-55 - A. da República, 59 - R. Febo Montiz, 1-10 - R. da Graça, 82-84

TIT-BITS

APONTAMENTO UMA RIQUEZA NACIONAL

Nos últimos dias, quem percorrer, de ponta a ponta, as páginas dos diários portugueses, terá de encontrar, com frequência, notícias com títulos deste teor:

Exportação de sanguessugas.
Exportámos mais 3.000 sanguessugas para a América.
Mandámos mais 3.000 sanguessugas seguíram ontem para Nova-York.
No envio de 4 Pan-Americanos seguimos ontem para Nova-York mais 10.000 sanguessugas.

Lemos todas estas notícias e ficámos com o natural orgulho de exportarmos aviões de bombardeamento; nós exportamos sanguessugas, que exportam dá o que tem.

O que é, com certeza, certo é que as nossas sanguessugas, que se destinam aos laboratórios americanos, serão mais úteis ao mundo do que os aviões de bombardeamento, que, segundo as últimas notícias, estão a seguir para a Turquia.

O que achamos da maior utilidade é que cada vez se intensifique mais a nossa propaganda lá fora. — E isso, para evitar que, quando alguém, na América, falar em Portugal, lhe digam do lado: — Bem sei! É aquele país que nos manda as sanguessugas...



Este «pequeno» do meio, tem 21 anos, chama-se Ted Evans, é inglês e desde a idade dos 16 anos cresce quatro polegadas por ano! Por isso todos afirmam que o rapaz há-de ir longe...

POUCAS PALAVRAS

Fior de janela não enfeita a casa...

É mais difícil fingir amor do que sentilo...

O dinheiro e a dor andam divididos: — uns têm muito, outros pouco.

Não é conveniente deixar sacudir o fato quando o temos vestido...

Todos nascemos com um fim secreto. O pior é que, muitas vezes, morremos sem saber qual é.

Ele tinha jurado que havia de tirar uma fotografia cínfila com por cento original...



Programa de manhã...



Serenata nocturna: — «Só tu e eu, mais ninguém...»



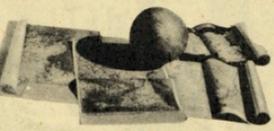
Os amigos costumam dizer: — é um grande artista! Até é capaz de tocar debaixo de água!

HISTÓRIA

DA NOVA GUERRA MUNDIAL

POR CARLOS FERRÃO

CAPÍTULO XXXI A FORTALEZA EUROPEIA



RUAIS eram, perante a agressividade crescente das nações aliadas e a afirmação inequívoca da sua vontade de conduzir a guerra até uma decisão vitoriosa, os planos das potências associadas ao bloco totalitário e quais eram, sobretudo, as intenções do Reich e dos seus dirigentes? Esta pergunta fazia-se, naturalmente, nos países de onde era possível acompanhar, sem pallido excessivo, o curso dramático dos acontecimentos e procurar para eles uma interpretação ajustada.

A fórmula de rendição incondicional, consagrada em Casablanca pelos dirigentes das duas grandes potências anglo-saxónicas, tinha para os alemães, e de maneira especial para os chefes nazis, uma significação profunda e terrível. Essa fórmula vinha desvanecer as últimas esperanças que em Berlim ainda alimentavam quanto à possibilidade de negociar uma paz separada com a Grã-Bretanha e os Estados-Unidos, prosseguindo em seguida a guerra contra a Rússia.

Mas não fóra esse, precisamente, o

plano arquitetado pelo adjunto do Fuhrer, Rudolf Hess, ao tentar o seu voo à Inglaterra, e não tinha ele deparado com uma recusa formal? É certo que os alemães seriam, no começo de 1943, muito menos exigentes do que na Primavera de 1941, quando concentravam, na fronteira de leste, as divisões «Panzer», que pouco depois se movimentariam em direcção ao território soviético. Mas para os anglo-americanos, depois das vitórias alcançadas no Norte de África e perante o aumento crescente do seu potencial militar não se tratava também de deixar perder, antes mesmo de os haver colhido, os frutos de uma vitória que inevitavelmente lhes cairia nas mãos.

Assim a manobra, tantas vezes tentada e tantas vezes malograda, em condições incomparavelmente menos favoráveis para as potências ocidentais, tinha de ser irremediável e definitivamente posta de parte. Ao Reich, nos seus aliados e nos seus satélites restava apenas a solução de continuar a luta com os recursos de que dispunham até ao limite das suas

forças e das suas possibilidades. Essas forças encontravam-se profundamente abaladas, e essas possibilidades afectadas pelo curso da luta que, sobretudo nos últimos tempos, lhes fora francamente desfavorável.

AS RAZÕES QUE, JA EM 1943 FAZIAM COM QUE A DERROTA DA ALEMANHA FOSSE INEVITÁVEL.

De facto, o panorama da situação política e militar era de modo a impressionar os alemães que não tivessem a razão obscurada pelo ardor patriótico ou pelo pallido partidário. Os factores que anulavam a derrota próxima e inevitável do seu país multiplicavam-se e sucediam-se com uma rapidez constante.

A evolução das operações na frente leste significava que o Alto Comando alemão tinha de pôr de parte todas as esperanças de derrotar, completamente, como precisava, os seus inimigos. Os russos davam mostras de uma capacidade de resistência que se transformara em poder ofensivo. Perante este, a Wehrmacht emprendia um recuo constante que, embora baptizado com a designação aluciante de retirada elástica, significava a incapacidade constante da máquina militar alemã para dar réplica ao esforço soviético traduzido na transformação radical da sua indústria e no adequado custeado das suas forças combatentes.

Com esta transformação radical do panorama militar, a leste, coincidia uma modificação igualmente profunda da situação no Norte de África. A vitória da Tunísia, alcançada pelos anglo-americanos, deu tempo excepcionalmente curto quando se considerava a importância das forças que as potências do Eixo, para allavandicação, estavam a reunir de maneira inequívoca, que os exércitos jovens e recentemente treinados pelos alemães estavam a estar em condições de se bater com os veteranos da Wehrmacht que tinham percorrido vigorosamente a Europa dois anos antes. Esse realidade indiscutível vinha somar-se ao aumento incessante do potencial de guerra americano, enquanto em seus domínios de produção de equipamento e material. O desembarque no Norte de África, dadas as condições em que fóra levado a cabo, mostrava a possibilidade de novos, e cada vez mais importantes, desembarques noutros pontos do litoral. Isto significava que devia considerar-se terminada a imunidade de que, durante algum tempo, o Reich beneficiara, quanto ao isolamento da Europa e a situação criada com a instauração da Ordem Nova nos países ocupados e submetidos ao domínio alemão.

OS BOMBARDEAMENTOS AERÉOS CONTRIBUÍRAM PODEROSOAMENTE PARA AGRAVAR AS CONDIÇÕES EM QUE O REICH LUTAVA

Havia, porém, além dos factores que resumidamente indicamos, um outro que começava a fazer, sentir pesadamente os seus efeitos na condução da luta por parte do Reich. Os anglo-americanos haviam aperfeiçoado, em condições imprevisíveis, a sua capacidade de bombardeamento aéreo sobre o território do Reich, da Itália e dos países satélites e ocupados do nosso continente. De tal forma que, a partir de certa altura, essa arma terrível, com a qual o Alto Comando alemão supusera ganhar rapidamente a guerra destruindo a capacidade de resistência dos outros países e aterroizando as suas populações, estava a funcionar como um gigantesco martelo pilão que incessantemente batia os alicerces em que se fundava o seu poderio militar.

Este paradoxo não deixava de representar um dos aspectos mais curiosos e reveladores da luta. Fóra sobretudo no Luftwaffe que os alemães haviam depositado as suas esperanças de uma vitória rápida e total. Decorridos três anos, não só a arma aérea alemã se encontrava em franco declínio, mas era do lado Aliado que a aplicação da aviação, como arma de guerra, se fazia com um carácter multiplicado e sistemático. Esta realidade era fundamentalmente uma consequência da superioridade em concursos económicos dos Aliados e da sua competência técnica para introduzir inovações substanciais no emprego da arma aérea.

A Luftwaffe, com os seus métodos

Rudolf Hess, que em Maio de 1941 fólo o Inglaterra por negociar um armistício

e os seus combatentes, deixara-se ultrapassar pela R.A.F. e, sobretudo, pela aviação americana, que começava a concentrar-se na Europa e no Norte de África com um ritmo crescente e impressionante. Tornava-se cada vez mais evidente que, no dia em que a concentração da força aérea americana se completasse, a decisão da guerra se aproximaria rapidamente. Esta convicção generalizara-se, não apenas nas nações aliadas, mas igualmente na Alemanha e na Itália, onde a população manifestava, de maneira inequívoca, o seu desalento e o seu desejo de liquidar a situação o mais depressa possível.

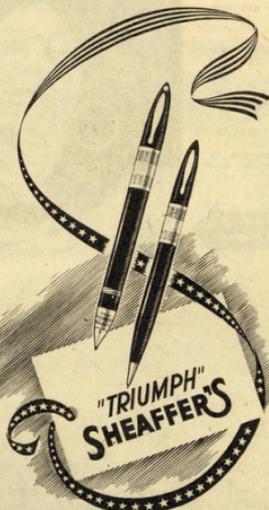
NO COMEÇO DE 1943 O FUHRER DECLAROU QUE OS EXERCÍCIOS ALIADOS NÃO TARDARIAM A RETOMAR A SUA MARCHA

Mas se eram essas as sentenças dominantes entre as populações do Reich, a Itália e entre os seus domínios satélites e ocupados, onde a pressão alemã se fazia sentir com exigências crescentes de mão de obra e tributos, o pensamento dos respectivos dirigentes era completamente diferente. Para estes últimos, tratava-se, sobretudo depois da declaração de rendição incondicional feita em Casablanca pelos anglo-saxões, de levar a guerra até às últimas consequências, quaisquer que estas fossem.

Não alucinação radiofundada que profetiu no dia de Ato Novo, em 1943, o Fuhrer declarara, resumindo o seu pensamento: «Depois do Inverno reconhecemos a nossa marcha». Esta alusão directa à evolução dos acontecimentos na frente leste era de tal forma estranha e ajustava-se tão pouco às realidades evidentes que fórgeralmente entendida como um factor de propaganda para uso interno, dando destino crescente a essa fórmula. Verificar-se entre os seus compatriotas de todas as categorias e classes

De todos os problemas que os dirigentes alemães eram obrigados a enfrentar, situação agravada em todas as frentes de batalha, incremento dos bombardeamentos e dos seus avatamentos nos países ocupados e manifestações de descontentamento no mundo crescente do Eixo, a situação dominava em importância e gravidade. Era o problema do potencial humano que começava a fazer sentir-se, com consequências catastróficas para a condução da guerra por parte do Reich. Ao fim de seis anos e alguns meses, a Alemanha tinha contra si as três maiores potências do mundo sob o ponto de vista demográfico: o Império britânico, os Estados-Unidos e a U.R.S.S. Estes três países contavam um manancial, praticamente inesgotável, de homens para trabalhar nas indústrias de guerra. A Alemanha incorporados nas fileiras. A população crescente das populações nos países aliados e ocupados faziam com que, sob esse ponto de vista, a primeira balança se inclinasse decisivamente a favor dos Aliados tal como acontecera face à primeira e à segunda oflagração provocada pelos alemães na Europa.

(Continua na



DISTRIBUIÇÕES PARA PORTUGAL AZEVEDO & DUARTE, Lda
RUA DO CRUZEIRO, 76-77 LISBOA-TEL. 26297

MAGALHÃES FILHO GANHOU O PRÊMIO SOUSA CARDOSO, DO ÚLTIMO SALÃO DE ARTE MODERNA!

las que invadem a pintura moderna exigem do artista que contribua com o seu depoimento pessoal e sincero, a sua mensagem individual, e que a traduzam perfeitamente na intenção e na forma plástica para enriquecimento da Arte moderna com tudo o que esta Arte tem de expressivo, de conteúdo, de humanidade.

«Cumprirá até assim a sua missão histórica, se a tem, pois que se integrará no conjunto de que depende e que a explica, porque as produções do espírito humano, como as da Natureza viva, apenas pelo seu meio são explicadas.

«De que se deve afastar é de elementos estranhos ao seu desenvolvimento.

— Então não admite intenções políticas na pintura?

— Absolutamente nenhuma. Aliás, já foi muito bem definido: Arte, política, ciência, etc., são valores todos eles situados no mesmo plano, sem outro privilégio que não seja o da simples colaboração. Como todos estes sectores se encontram no mesmo plano, não se pode pretender que um desses valores julgue supremamente todos os outros, pois todos são da mesma ordem. A visão global a distância estará talvez ao alcance do filósofo. A melhor política do pintor é pintar. Pintura é pintura.

E a terminar o seu ponto de vista: — Que o político diga que a Arte deve ser isto ou aquilo, é absolutamente absurdo, pois quererá resolver coisas de pintura numa situação que é afinal... política.

A conversa muda de rumo. Falase na maneira como o artista executa os seus trabalhos.

— Trabalho — prossegue — vivendo intensamente os meus quadros. Estudo, partindo do aspecto geral, todos os pormenores e resolvo todas as situações.

«As predileções de temas vão para estados impressionais, divinos, para o mundo das coisas que ninguém vê mas que todos julgam que estão sobre a terra.

Há uma pausa. A entrevista incide, agora, sobre o Prémio Sousa Cardoso, que Magalhães Filho acaba de alcançar no último Salão de Arte Moderna.

— Fiquei, naturalmente, satisfeito; não lhe posso dizer que não; seria pouco simpático. Esperá-lo, não digo. Esperava e não esperava.

E com confiança:

— Esperava porque os críticos e colegas entendidos eram quase todos unânimes em apontar o meu quadro e até os outros prémios — o do grande Bursala Feio e os da Estrela — como os possíveis. Não esperava porque



MAGALHÃES FILHO

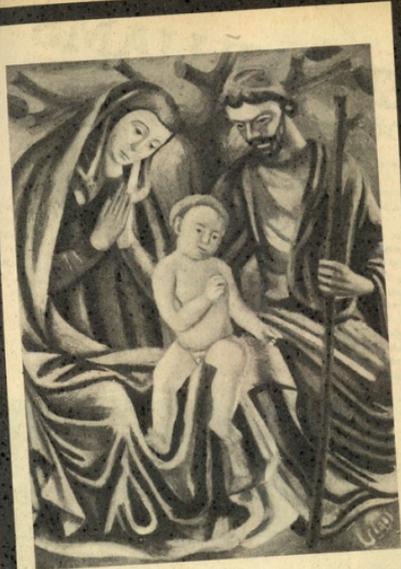
esses coisas dependem das interperções que os júris dão aos prémios. «Mesmo no outro prémio, o Columbano, se encontram dois critérios: o critério de dar a quem já tem uma obra, como, por exemplo, salvo erro António Soares, Almada, Eduarda Vianna, Dordio Gomes, Carlos Botelho, etc., e o critério de dar a quem promete realizar essa obra, como, por exemplo, é o caso de Frederico George, e o de agora, o de Estrela Paula.

— Futuros trabalhos? Está preparando alguma exposição?

— Estou ultimando dois quadros: um é a «Virgem» — mas não temia religioso — e outro é a «Amizades». Tenciono realizar, este ano, uma exposição individual em Lisboa e outra no Porto. Depois destas penso expor fora do nosso país, para o que tenho tudo mais ou menos tratado. Além disso, faço tempo de intervir em duas exposições colectivas grandes, e em duas colectivas com reduzido número de expositores.

Magalhães Filho, a sorrir, remata a entrevista:

— Como vê, não é falta de esforço que os artistas tentem vender. Trabalha-se muito. Assim o público — e a crítica — para não falar no aspecto essencialmente material de que a Arte terá sempre de depender, compreenderá, acartarem — e estimulem, aligeirando a vida do artista, criando-lhe possibilidades... e dando-lhe, sobretudo, um pouco de independência...



NATIVIDADE

MAGALHÃES Filho acaba de receber, justamente, no último Salão de Arte Moderna, o Prémio «Sousa Cardoso», pela valiosa contribuição que a sua pintura veio trazer à nova geração de artistas plásticos.

Foi, pois, no seu «atelier», cheio de luz, onde, sobre cavaletes, os óleos esperam os últimos retoques do artista, que Magalhães Filho accede a esta entrevista.

Quando lhe perguntamos o que pensa da sua geração, Magalhães Filho parece hesitar. Depois, com vivacidade replica:

— A minha geração tem indiscutíveis valores, embora os que têm alguma coisa para dizer e possibilidades de realizar não sejam muitos. A desorientação geral faz perder bastante, pois há artistas com preocupações a mais e linguagem pictural a menos e vice-versa.

«Outros perdem-se em estudar fragmentos, aspectos parciais, não procurando depois obra de alto interesse, obras totais.

«E esclarecendo melhor: não obstante, a minha geração foi melhor esclarecida que outras pelo ingrato esforço desenvolvido pelos precursores, ainda vivos, felizmente, muitos deles.

«Muitas confusões existem, e de resto existirão sempre num meio tão pouco conhecedor de pintura como o nosso, sobre o verdadeiro interesse de alguns, mas o tempo a seu tempo reparará tudo nos seus lugares. Por enquanto, esses só aproveitaram os benefícios materiais da glória temporária.

— Qual a attitude do artista perante a arte moderna?

— A diversidade — recomeça Magalhães Filho — a sucessão de teorias sobre teorias, as escolas sobre escolas,



PINTURA

A CHEIA



ESTHER WILLIAMS A SEREIA DE HOLLYWOOD CASOU-SE

FOI, como disse a jornalista americana Cynthia Miller, a "lovely wedding" — um casamento encantador. A Igreja, branca de rosas, estava iluminada por milhares de velas. No côro, Jane Powell, a voz de ouro da rádio, fazia ouvir-se em melodias de Grieg. Quando ela stacou as primeiras notas da «Marcha Nuptial», de Mendelssohn, os noivos subiram ao altar.

E cá fora, centenas de pessoas seguem a cerimónia, porque já não cabiam na capela. E cá fora, centenas de pessoas seguem a cerimónia, porque já não cabiam na capela. E cá fora, centenas de pessoas seguem a cerimónia, porque já não cabiam na capela.

Toda a imprensa mais populares dos filmes musicais. Combina a perfeição da plástica dos Fusileiros de Marinha, uniram os seus destinos. É uma mulher é hoje uma das vedetas mais populares dos filmes musicais. Combina a perfeição da plástica dos Fusileiros de Marinha, uniram os seus destinos. É uma mulher encantadora e uma voz muito agradável e o prestígio da sua feminilidade. É uma mulher encantadora e uma voz muito agradável e o prestígio da sua feminilidade. É uma mulher encantadora e uma voz muito agradável e o prestígio da sua feminilidade.

Tocaram os sinos festivamente em Hollywood. E para o leitor, que não foi à boda, aqui ficou uma imagem dos noivos, que nos fala, só por si, da alegria e felicidade com que decorreu a cerimónia.



Esther Williams e o seu marido Ben Gage, fotografados pouco tempo depois da cerimónia

Jane Russell, sensacional descoberto dos produtores de Hollywood, vai aparecer num papel de relevo em «A Viúva» — comédia que lhe permitirá lucrar, simultaneamente, o deslumbramento das suas graças de mulher e os primeiros do seu talento.

O ACTOR DE COMÉDIA RAY MILLAND

CONSIDERADO O "MELHOR INTÉRPRETE DE 1945", GANHOU O TROFEU, GRAÇAS AO SEU PRIMEIRO PAPEL DRAMÁTICO

Ray Milland foi proclamado pela Academia Americana de Artes e Ciências Cinematográficas, o melhor actor do ano. Aquelles que o viram em tantas comédias, ora ao lado de Dorothy Lamour, ora a contracenar com Betty Hutton, ficaram positivamente surpreendidos com o resultado. Mas mais admirados se revelaram, se lhes dissermos que Ray Milland conquistou o trofeu de 1945, com o seu desempenho num filme dramático, «The Lost Weekend», versão cinematográfica do romance de Charles R. Jackson.

Libelo contra o alcoolismo, «The Lost Weekend» convence e impressiona. Billy Wilder, o realizador de dois filmes cômicos, impregnou esta película dum ambiente de tragédia, que está sempre presente do princípio ao fim. Hollywood considerava este filme «pouco comercial». Mal sabia que iria revelar um artista.

Como Joan Crawford — a quem dedicamos um artigo neste número — Ray Milland era um veterano dos estúdios. O prémio coroa, igualmente, uma carreira. E faz-nos pensar, realmente, que o destino dos artistas está nas mãos dos realizadores — pois quando se chama Curtiz ou Wilder operam milagres, como se os intérpretes fossem barro, que eles moldam ao sabor da sua fantasia — e do seu talento.

«O fim de semana perdidos» é a tragédia dum homem que não consegue dominar o vício do alcool. Todos os sábados ele tenta regenerar-se. Mas, insensivelmente, embriaga-se — e é todo um fim de semana perdido... Para satisfazer esse vício — não hesita perante o crime.



O público português tem fama de sorumbático. E, por via de regra, não gosta de ser pródigo em aplausos. Pois é preciso habituarem-se e aplaudir os artistas. E aqui têm Bob Hope, vitorioso os colegas, com um entusiasmo que pode servir de exemplo.



Alexandre Korda descobriu uma nova estrela! Trata-se de Rosalind Taylor, de oito anos de idade. Rosalind foi um dia aos estúdios de Denham, para visitar um parente, empregado no Departamento de Maquiagem. Korda passava no corredor quando viu a pequenita. E pensou que estava ali a garota que buscava para o seu filme «Perfect Strangers».



Não, leitores! Não é uma ventarola o que a Margaret O'Brien tem na mão — e encosta à boca. Trata-se dum gigantesco «chupa-chupa». que lhe foi oferecido por uma grande fábrica de docinhos. E não será de estranhar, se todos os meninos e meninas que nos lêem sentirem crescer água na boca... É que o rebuçado é do bom — e leva muitas horas a derreter...



«Madame» (Margaret Chapman) vai para férias. E o marido (Lee Bowman), talvez em consequência dos hábitos adquiridos em companhia, não se importa de correr com os molos, o necessaire, o casaco e o chapéu da consorte.



Este é Ross Hunter, um dos actores que está fazendo furor no Américo. Face expressiva e voluntarioso, aqui tem um galá que não necessita de abdicar dos atributos do chamado sexo forte — energia, força e nobreza — para se impor como um autêntico Adonis do século XX.



Roy Milland, em «The Lost Week-end», dá-nos numa poderosa máscara de tragédia, o drama íntimo do alcoolico, quando reconhece que não pode lutar contra o vício que o domina.



No Américo, chamam-se a estas fotografias, tomadas de surpresa, sem que os retratados se deem conta — «candid photos». Os nossos repórteres não se têm interessado por tal género de instantâneos. E é por isso que a foto que damos a acompanhar estes linhas tem especial interesse. Foi feita no restaurante do estúdio. Jorge Brum do Canto faz uma sósuel! (o quem?! É segredo...) E António Vilar parece interessado e divertido com o que ouve e o que vê...

A MARAVILHOSA LIÇÃO DE

JOAN CRAWFORD

POR FERNANDO FRAGOSO

JOAN Crawford acaba de ser designada pela Academia Americana de Artes e Ciências Cinematográficas, como a melhor actriz do ano. Um filme bastou para a consagrar como a vedeta n.º 1 de 1945 — «Mildred Pierce», de Michael Curtiz, história sombria de amor e de crime.

O prémio conferido a Joan Crawford tem, ao mesmo tempo, um valor simbólico. Dir-se-ia que é o justo galardão, não dum desempenho, mas duma carreira. E que foi atribuído não à Artista, mas à Mulher. Porque para além da interpretação — há a história duma vida consagrada ao cinema. E prevalecendo sobre os dotes da Artista, avultam as qualidades da Mulher, que soube trabalhar, lutar e vencer — depois de haver experimentado o amargur da devota.

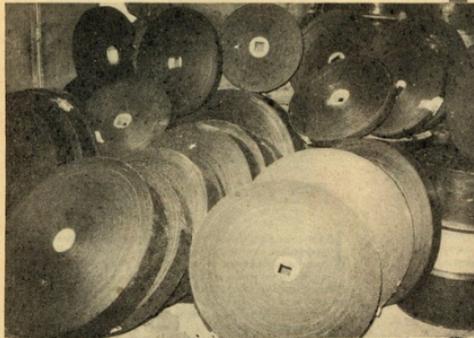
Joan Crawford teve um começo difícil. Foi modelo e «táxi-girls» nos salões de dança. Estreou-se no cinema como figurante. E, durante vários anos, manteve-se nas anónimas fileiras dos extras. Depois, pouco a pouco, foi pulando-se a maiores alturas. E o sonoro vulto encontrá-la como grande vedeta do mundo. A heroína de «The Rain», de Somerset Maugham, transitou para o filme falado, sem perder nenhuma das qualidades. Muito pelo contrário. Vistas fortalecidas, porque enquanto outras artistas desapareciam, levadas pelo vento da modalidade nascente, a sua foi, para ela, um elemento de reforço da própria personalidade. Joan Crawford tornou-se, então, numa das vedetas mais populares da tela branca, vacillando entre a «erapragia modernas» e a «vamp» de linhas coicentes.

Depois, o tempo correu. Mais vedetas nasceram. Veio a Greer Garson, a Ingrid Bergman, a Lana Turner, a Jennifer Jones, e dezenas de outras, que não tardaram a ganhar enorme acentude. Joan Crawford, esquecidas pelo produtores, conciente ou inconscientemente — até o pouco a pouco, a sua carreira e o seu nome. E «A Mulher da Clecitras», a despeito da extraordinária criação da vedeta, não conseguiu elevá-la ao lugar que ocupara noutros tempos. As coisas foram até mal à pior. Joan Crawford de espírito indomável, habituada a perder batalhas, para da reconeção do sucesso e ganhá-las — sentia, agora, que já não possuía a energia de outros tempos. Nem aquela esplêndida mocidade que lhe permitira, tantas vezes, fazer o volte-face da fortuna. Recomeçar aos quarenta anos — é empresa difícil para qualquer mulher. E o grande golpe, que todos tomaram pelo golpe de misericórdia, surgiu. A Metro recindiu o contrato. A vedeta que, durante mais de vinte anos, fizera parte da firma de Leo, sentiu que, ao despedirem-na, pretendiam pôr o ponto final na sua carreira. A Warner, meses depois, fez-lhe uma proposta. Teve a vedeta, sob contrato, sem saber o destino que lhe havia de dar. «Condenou-a a uma breve passagem em «Brilhan as Estrelas». E todos nos recordamos da penosa impressão que sentimos ao vê-la. Já não era a Joan — mas o seu próprio fantasma. E surgiu «Mildred Pierce». Um grande argumento e um excelente director. Joan Crawford dispôs-se a jogar a grande cartada da sua vida. Ou agora — ou nunca! Jogou e venceu! O prémio da Academia era o objectivo distante. E alcançou-o.

Quando a glória befeja uma mulher de quarenta e dois anos, sobretudo quando essa mulher é vedeta de cinema e conta a longa carreira de duas décadas — o mundo tem obrigação de admirar e respeitar. Joan Crawford, veterana dos estúdios, está de novo em voga. E assim se manterá por muito tempo. Hollywood, acima de tudo, é comerciante, e disputa as grandes vedetas a peso de ouro. A Crawford é outra vez uma grande vedeta — a maior de 1945.

Que grande exemplo e que magnífica lição — de perseverança, de tenacidade, de fé nos seus próprios destinos. O título daquele filme que interpretou, «Quero viver a vida», teve um valor simultaneamente profético e simbólico. A vida só se viveu quando dela se colhem alegrias e pesares, quando a esperança alterna com a desilusão — e a vida com a má fortuna.

Joan Crawford está na hora alta da sua carreira. E, neste momento supremo deve saber-lhe bem outra para trás e recordar as horas escuras, que se esfumam na distância e no esquecimento...



COMEÇAM A CHEGAR AO NOSSO PAÍS MERCADORIAS DOS PAÍSES ALIADOS

A PESAR das actuais dificuldades, algumas mercadorias chegam ao nosso país, vindas das nações aliadas.

E é fácil de prever que, dentro em breve, será regular a chegada de artigos estrangeiros, o que virá movimentar bastante os nossos meios comerciais.

Entre os primeiros produtos chegados, e que tanto interessam aos comerciantes e industriais, conta-se um notável «stock» de correias «Flextek», da casa americana «Rusco», de que é representante em Portugal a firma Santos David, L.^{da}, com escritórios em Lisboa, no Boqueirão do Duro, 44 a 48.

Portugal consegue, assim, ser o primeiro país a receber desse género de fabrico do Estrangeiro, e pode dizer-se que é um dos primeiros produtos que nos chegam depois da guerra.

Trata-se dum artigo de extraordinária qualidade e categoria, que foi utilizado para numerosos fins de guerra, sob todas as temperaturas e em todos os climas.

Em compensação, tela para tela, com as correias de borracha laminada, «Flextek» é consideravelmente mais leve.

Baseando-se apenas em espessura, «Flextek» é, não sómente igual em força de tensão às correias de borracha correntes de espessura correspondente, mas, geralmente, muito mais forte.

O resultado é que, na maioria dos casos, uma correia mais leve pode ser empregada com melhores resultados, especialmente quando as polias são pequenas e a velocidade grande.

Aqui fica apontada, em poucas palavras, a invulgar categoria do produto que o nosso país acaba de receber, por intermédio da casa Santos David, L.^{da}, uma casa especializada neste artigo e noutros, como óleos, desperdícios de algodão, acessórios, empanques, etc.



O major Webb Haymaker dissecando o cérebro do dr. Ley

O CÉREBRO DO DR. LEY É ANORMAL! AFIRMAM OS MÉDICOS AMERICANOS QUE ACABARAM DE O EXAMINAR

QUANDO o nazismo estava ainda de pé, muitas vezes os médicos aliados discutiram entre si se as suas mais importantes personalidades não seriam genuínos casos mentais.

Em Outubro último surgiu a primeira grande oportunidade para verificar tal facto: o dr. Ley, o antigo chefe da Frente de Trabalho Alemã, estrangulou-se a si próprio com uma toalha, na sua cela de Nuremberga!

Imediatamente após a sua morte, o cérebro do Dr. Ley foi enviado para os Estados Unidos. Aí, no Instituto de Patologia do Exército Americano, em Washington, o major Webb Haymaker analisou-o e verificou tratar-se, sem dúvida, do cérebro de um indivíduo anormal.

Diz o major Haymaker: «As condições em que se encontrava o cérebro do Dr. Ley eram mais que suficientes para alterar gravemente as suas faculdades mentais e emocionais».



O dr. Robert Ley quando foi capturado



Especímenes do cérebro do dr. Ley embebidos em parafina, são cortados em finas secções para exame ao microscópio

UM BOM funcionamento

DO COURO CABELUDO depende do PETRÓLEO PIVER

O petróleo hidro-carbonato saturado, sob a forma de óleo mineral, é um dos melhores agentes que se conhece para a saúde do couro.

Justificam-se os arábicos e belas cabeleiras dos trabalhadores das suas jazidas. O PETRÓLEO "PIVER", aproveitando tudo quanto de útil oferece o petróleo em geral, combina com outros produtos que multiplicam, consideravelmente, o seu poder como tônicos capilares, tornando-o, assim, num poderoso auxiliar para conservar e fortalecer o cabelo.

LT. PIVER

PASTA MEDICINAL Couto TRATA TODAS AS DOENÇAS DA BOCA

Medicinal pequena — tubo 11\$00
Medicinal grande — tubo 17\$50
Vulgar pequena — tubo 4\$00
Vulgar grande — tubo 7\$00

Tiká MATA

PERCEBIDOS BARATOS PULGÕES TRACA

À VENDA EM TODA A PARTE

Caixa pequena..... 3\$00
Caixa grande..... 8\$00

Dep.º: COUTO, L. 4ª — Porto

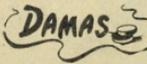
L. S. Domingos, 165



PASSATEMPO



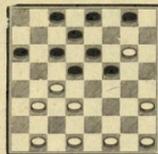
DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES
Toda a correspondência deve ser enviada para a Rua Marquês, 54 de Bandeira, 108, 3ª — LISBOA



Partida disputada no 1.º Campeonato por Correspondência, de 4.ª Vez Mundial Ilustrada, entre Luis Gaspar (Chamusa) e Manuel Pinto da Silva (Porto)

Brancas (L. Gaspar)	Lances	Pretas (P. da Silva)
10-13	1.º	21-18
5-10	2.º	23-19
12-15	3.º	19-12
8-15	4.º	28-23
10-14	5.º	32-28
14-21	6.º	26-10
6-13	7.º	23-19
7-12	8.º	25-21
13-17	9.º	21-14
17-21	10.º	28-23

Posição do jogo ao 10.º lance das pretas:



2-6	11.º	19-14
4-7	12.º	23-20
6-10	13.º	14-5
1-10	14.º	20-16
10-13	15.º	27-23
3-8	16.º	23-19
13-17	17.º	31-27
6-10	18.º	24-20
15-24	19.º	18-14
1-11	20.º	22-4
24-28	21.º	6-2
28-32	22.º	27-23
21-26	23.º	40-31
17-26	24.º	29-22

Empatado.

«ESTRATÉGIA DAMISTA»

Acaba de publicar-se mais um número desta magnífica revista de «Damas», dirigida pelo dr. Júlio Lopes de Oliveira e David Fernando Martins, tendo como colaboradores técnicos o capitão E. Borges, Fernando Martins, Francisco Henriques e Orlando Lopes. Do seu éxito não duvidamos pela alta competência de quem a dirige.

XADREZ

PROBLEMA N.º 31

Por U. Castelari



2x

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 30

1. Rb7.

JOGO DE PALAVRAS

PROBLEMA N.º 2

Por Augusto Teixeira Marques (Dedicado ao dr. José Rodrigues Correia, de Viseu)

Formar 10 palavras começadas por DEM, das quais a seguir damos os sinónimos. Para resolver este problema: 10 palavras em 5 minutos é excelente; 8 palavras em 7 minutos, bom; e 5 em 8 minutos, regular.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 59 (Concurso)

Por José de Sousa Gaspar (Covilhã)

HORIZONTAIS: 1 — Instrumento para avallar o açúcar dissolvido num líquido. 2 — Guarnecera de arame. 3 — A mim; mete em dificuldades; palavra onomatopéica para exprimir choque de dois corpos ou a queda de um corpo. 4 — Moeda de Macau e Timor; resguardo lateral; cabelos brancos. 5 — Fôsea; estalido; com prepalo. 6 — Reabilita; rede de arrastar (prov.). 7 — Pupa; paraíso terrenal. 8 — Unidade das medidas de capacidade para sólidos, em Damão; bilis; planta da família das Oxalídeas. 9 — Forma popular proclítica do advérbio não; conjunto das faculdades intelectuais e morais do homem (pl.; qualquer; fluido aeriforme. 10 — Dêem a cor do ouro. 11 — Pene-diarium.

VERTICAIS: 1 — Habitantes da Samaria. 2 — Desparecera. 3 — Aquil; rocha com cristais de feldspato; anares de Cristo. 4 — Pedra de altar; extremidade de algumas peças de vestuário; lgo. 5 — Ramos de árvore; corola de algumas plantas. 6 — Oferta em sacrificio; resgatar. 7 — Caixa de madeira revestida de couro ou lona; mau dançador (prov.). 8 — Época; colosa; ente. 9 — Bata; porco (cast.); nota de música. 10 — Padre sem mérito ou de pequena estatura. 11 — Proporcional-nem.

(Dicionário de Francisco Torrinha — Edição transacta).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 58

HORIZONTAIS: 2 — Aço; cri; itu. 3 — Anco; aene. 4 — Conselho. 5 — Hu; ar. 6 — Geodinnamia. 7 — Ni; az. 8 — Oc; lahli; na. 9 — Malho; adall. 10 — Om; oc; pé; cé. 11 — Na; me; asi; aa.

VERTICAIS: 1 — Vá; Gnomon. 2 — Cá; elcama. 3 — Coneho. 4 — Coudilhos. 5 — Icon; acoe. 6 — Sonia. 7 — Alac; lapa. 8 — Clamoldes. 9 — Alnorl. 10 — Te; canica. 11 — Vi; zralea.

- 1 — Pertencente à democracia: DEM.....
- 2 — Demónio: DEM.....
- 3 — Falto de juízo: DEM.....
- 4 — O maior orador da antiguidade. Nasceu na Ática (Grécia): DEM.....
- 5 — Privado de emprego ou dignidade: DEM.....
- 6 — Dissuadir: DEM.....
- 7 — Tornar diferente do que era: DEM.....
- 8 — Dominação exercida pelas facções populares: DEM.....
- 9 — O que sobra: DEM.....
- 10 — Falta de mérito: DEM.....

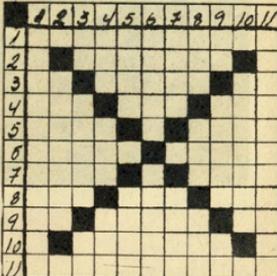
HIERÓGLIFOS

(COMPRIMIDOS)

Por Nicolau F. Telo de Morda (Viseu)

SI	100	OR	
5 letras			
K	SA	K	
6 letras			
K	NOTA	SO	NOTA
8 letras			
K	NOTA	K	
6 letras			
K	NOTA	NOTA	TE

SOLUÇÃO DOS HIERÓGLIFOS publicados em 14/3/46
Castanho; ardina; morderua.



A ACÇÃO DA CRUZ VERMELHA PORTUGUESA DURANTE A ÚLTIMA GUERRA

• VER REPORTAGEM NAS PAGINAS DOZE E TREZE •



Avermelha as gengivas
Avermelha as gengivas
Avermelha as gengivas
Avermelha as gengivas

CARMIM
CREME
TORERO

Pasta dentífrica
Pasta dentífrica
Pasta dentífrica
Pasta dentífrica

CARMIM
CREME
TORERO

E branqueia os dentes
E branqueia os dentes
E branqueia os dentes
E branqueia os dentes